

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

A PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS NO SUL DO BRASIL:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA COM BASE NA ELEVAÇÃO DA
VOGAL ÁTONA /E/

Luciene Bassols Brisolara

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Letras
da Universidade Católica de
Pelotas, como requisito parcial
à obtenção do título de
Mestre.
Área de Concentração:
Aquisição, Variação e Ensino

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Co-orientador
Prof. Dr. Paulino Vandresen

Pelotas
2004

B859p Brisolara, Luciene Bassols
A prosodização dos clíticos pronominais no Sul
do Brasil: uma análise variacionista com base na
elevação da vogal átona /e/. / Luciene Bassols
Brisolara. - Pelotas: UCPel, 2004.
106 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica
de Pelotas, Mestrado em Letras, Pelotas, BR –
RS, 2004. Orientadora: Matzenauer, Carmen Lúcia
Barreto; Co-orientador: Vandresen, Paulino

1. Fonologia prosódica 2. Elevação da vogal
átona /e/ 3. Clíticos pronominais. I. Matzenauer,
Carmen Lúcia Barreto. II. Vandresen, Paulino.
III. Título.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom
branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade

Dedico esse trabalho a meus professores do Curso de Mestrado em Letras da UCPel, especialmente à professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer e ao professor Paulino Vandresen, que souberam me orientar adequadamente e me apoiaram em todas as minhas escolhas durante a elaboração dessa dissertação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Oscar Luiz Brisolara e Carmen Vera Bassols, que me incentivaram a lutar pelos meus ideais.

Aos meus irmãos e amigos, que nunca duvidaram das minhas capacidades.

Ao meu noivo Luciano Duarte, pela força e incentivo ao meu trabalho, por dividir minhas angústias e por incentivar-me constantemente a prosseguir meus estudos.

À CAPES e à Universidade Católica de Pelotas, pela bolsa de estudos que me foi concedida.

Aos colegas e amigos Maria Eloísa Sroczyński, Raymundo Olioni e Letícia Alves, expresse meu profundo agradecimento por todo apoio, carinho e confiança.

Ao Projeto BDS PAMPA, professores responsáveis e bolsistas, por me autorizarem o uso das gravações de fala da cidade de Bagé.

Ao professor Jorge Espiga, por ter me ensinado a utilizar o programa estatístico VARBRUL e por me auxiliar sempre que necessário.

Aos moradores da cidade de Bagé que serviram como informantes para essa pesquisa, agradeço pela disposição, acolhida e cooperação prestada.

Às professoras Cláudia Brescancini, Maria Marta Pereira Scherre, Marina Vigário, Maria das Graças Dias Pereira, pelo envio de trabalhos e sugestões.

À professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pelo estímulo e, acima de tudo, pelo verdadeiro exemplo de profissional, muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	VIII
LISTA DE TABELAS.....	IX
RESUMO.....	XI
ABSTRACT.....	XII
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	05
2.1 Fonologia Prosódica.....	05
2.1.1 Proposta de Nespor & Vogel (1986)	05
2.1.1.1 Caracterização dos constituintes prosódicos.....	08
2.1.2 O Grupo Clítico no Português Brasileiro.....	14
2.1.3 O Grupo Clítico em outras línguas.....	17
2.1.4 A discussão sobre a existência ou não do Grupo Clítico.....	19
2.2 Processos de Sândi.....	24
2.2.1 Degeminação.....	24
2.2.2 Ditongação.....	26
2.3 O modelo variacionista.....	28
3. METODOLOGIA.....	32
3.1 Os sujeitos.....	32
3.2 Banco de Dados BDS PAMPA.....	34
3.3 Transcrição e codificação dos dados da pesquisa.....	35
3.4 Os <i>corpora</i> da pesquisa.....	36
3.4.1 Definição das variáveis.....	37
3.4.2 Variável dependente dos dois <i>corpora</i>	37
3.4.3 Variáveis independentes controladas nos dois <i>corpora</i>	37
3.4.3.1 Variáveis independentes lingüísticas.....	38
3.4.3.2 Variáveis independentes extralingüísticas.....	39
3.4.3.2.1 Sexo.....	40
3.4.3.2.2 Faixa Etária.....	40
3.4.3.2.3 Escolaridade.....	41
3.4.4 Variáveis específicas referentes ao <i>corpus</i> dos Clíticos Pronominais.....	42
3.4.5 Variáveis específicas referentes ao <i>corpus</i> dos Vocábulos Lexicais do Português Brasileiro.....	42
3.5 Método de análise.....	44
3.5.1 Descrição do Sistema VARBRUL.....	44
3.5.2 Os programas do Pacote VARBRUL.....	45
4. DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	49
4.1 Resultado do <i>corpus</i> formado por Clíticos Pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”.....	49

4.1.1 Variável dependente.....	50
4.1.2 Resultados obtidos do cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes.....	50
4.1.2.1 Variável independente lingüística “Tipo de Juntura”.....	50
4.1.2.2 Variável independente extralingüística “Faixa Etária do Informante”.....	51
4.1.2.3 Variável independente lingüística “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro”.....	53
4.1.2.4 Variável independente extralingüística “Sexo”.....	54
4.1.2.5 Variável independente lingüística “Contexto Precedente”.....	55
4.1.2.6 Variável independente lingüística “Tipo de Segmento Vocálico da Sílabas Seguinte”.....	56
4.1.3 Amalgamando fatores.....	57
4.1.4 Cruzando variáveis.....	60
4.2 Resultado do <i>corpus</i> formado por Vocábulos Lexicais do PB.....	67
4.2.1 Variável dependente.....	68
4.2.2 Resultado obtido do cruzamento da variável dependente com a variável independente “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”.....	68
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	70
5.1 Análise dos resultados do <i>corpus</i> formado por Clíticos Pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”.....	70
5.1.1 Resultados referentes a variáveis lingüísticas.....	70
5.1.1.1 Tipo de juntura	70
5.1.1.2 Tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro.....	72
5.1.1.3 Contexto precedente	73
5.1.1.4 Tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte.....	77
5.1.1.5 Vogal da sílaba seguinte quanto à altura.....	78
5.1.1.6 Cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de juntura” e “distância (do clítico) da sílaba tônica do hospedeiro”.....	80
5.1.1.7 Cruzamento das variáveis lingüísticas “Tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” e “tipo de juntura”.....	82
5.1.2 Resultados referentes a variáveis extralingüísticas.....	83
5.1.2.1 Faixa Etária do Informante	83
5.1.2.2 Sexo	85
5.2 Análise dos Resultados do <i>corpus</i> formado Vocábulos Lexicais do PB.....	86
5.2.1 Resultados referentes à variável lingüística “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”.....	87
5.3 Estabelecimento de relações entre os resultados dos Clíticos Pronominais e de Vocábulos Lexicais com Vogal Átona Final.....	88
5.4 A questão dos clíticos com relação à hierarquia prosódica.....	91
6. CONCLUSÃO.....	96
BIBLIOGRAFIA.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Especificação dos fatores extralingüísticos controlados na presente pesquisa.....	33
Quadro 2 - Quadro geral de variáveis independentes referentes à vogal átona de clíticos e à vogal átona final de vocábulos lexicais.....	43
Quadro 3: Síntese do funcionamento do Programa VARBRUL.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Juntura”	50
Tabela 2 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Faixa Etária do Informante”	51
Tabela 3 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro”	53
Tabela 4 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Sexo”	54
Tabela 5 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Contexto Precedente”	55
Tabela 6 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Segmento Vocálico da Sílabas Seguinte”	56
Tabela 7 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Juntura”	58
Tabela 8 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Faixa Etária do Informante”	58
Tabela 9 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Contexto Precedente”	59
Tabela 10 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Vogal da Sílabas Seguinte quanto à Altura”	59
Tabela 11 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Sexo” e “Faixa Etária do Informante”	61
Tabela 12 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Sexo” e “Escolaridade”	61
Tabela 13 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Escolaridade” e “Faixa Etária do Informante”	62
Tabela 14 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis lingüísticas “Tipo de Juntura” e “Distância (do Clítico) da Sílabas Tônicas do Hospedeiro”	63
Tabela 15 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis lingüísticas “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro” e “Tipo de Juntura”	65

Tabela 16 - Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Vogal da Sílabas Seguinte quanto à Altura”.....	68
Tabela 17 - Registro de ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Juntura”.....	89

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo do comportamento da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”, em posição proclítica, que têm o verbo como hospedeiro. O objetivo da pesquisa foi discutir o uso variável da regra de elevação aplicada a vogais de clíticos, na cidade de Bagé, RS, com localização próxima à fronteira com o Uruguai. A fim de investigar implicações do uso dessa regra para a hierarquia prosódica do Português falado nessa comunidade, foi também analisada a aplicação da referida regra à vogal átona final /e/ de vocábulos lexicais da língua. Para a realização deste estudo, consideramos variáveis lingüísticas e, também, extralingüísticas, fundamentando-nos, para a análise dos resultados, em Teorias Fonológicas (Nespor & Vogel, 1986, Clements & Hume, 1995) e na Teoria da Variação (Labov, 1996). Analisamos 24 gravações retiradas do Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA), sediado na Universidade Católica de Pelotas. Os resultados da pesquisa revelaram que a regra de elevação da vogal átona /e/ tem reduzida aplicação em clíticos, particularmente nos informantes adultos; já em vocábulos fonológicos lexicais, é quase categórica em todas as idades dos entrevistados. Dentre as variáveis extralingüísticas, a “faixa etária” apresentou relevância, uma vez que indicou que os jovens – com idade entre 16 e 25 anos – tendem a aplicar significativamente a regra de elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais, enquanto os adultos – com idade acima de 25 anos – se revelaram preservadores da manutenção da vogal média alta. Os resultados obtidos com a análise variacionista permitiram o encaminhamento de discussão relativa ao status prosódico dos clíticos na comunidade investigada.

ABSTRACT

This paper presents a study on the behavior of the weak vowel /e/ and the clitics “me”, “te”, “se” e “lhe”, in proclitic position, which have the verb as a host. This study aimed at discussing the variable use of the elevation rule applied to the vowel of clitics in the city of Bagé, located near the border with Uruguay. In order to investigate the implications of the use of this rule for the prosodic hierarchy of spoken Portuguese in this community, the use of the referred rule in the final weak vowel /e/ of words in Portuguese was also analyzed. Linguistic and extra-linguistic variables were considered to carry out the study, and the result analysis was based on Phonological Theories (Nespor & Vogel, 1986, Clements & Hume, 1995) and in the Variation Theory (Labov, 1996). Twenty-four recordings extracted from the “Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense” (BDS PAMPA) at Catholic University of Pelotas. The results of the study showed that the elevation rule of the weak vowel /e/ has reduced use in clitics, particularly in adult subjects. On the other hand, in phonological terms it is almost categorical in all age groups of interviewed subjects. The age was relevant among the extra linguistic variables, as it showed that the youngsters aged from 16 to 25 years old tend to use the elevation rule of the weak vowel /e/ of clitics, while the adults over 25 maintained the use of the high mid vowel. The results obtained with the variationist analysis made it possible the discussion on the prosodic status of the clitics in the community studied.

1. INTRODUÇÃO

As vogais médias, no sistema do Português Brasileiro (PB), são os segmentos vocálicos que estão mais sujeitos à aplicação de processos fonológicos, particularmente em posição átona.

Muitos estudos já foram realizados no Brasil, enfocando diferentes variantes da língua, sobre o comportamento das vogais médias em sílabas átonas, dentre os quais merecem destaque os de Bisol (1981), Callou, Leite & Coutinho (1991), Bortoni, Gomes, Malvar & Alves (1991), Vieira (1994, 1997, 2002), Amaral (1996), Battisti (1994), Schwindt (1995), Amaral (2000), Carniato (2000). Muitas dessas pesquisas foram realizadas sobre variantes do Português Brasileiro faladas em diferentes comunidades do Rio Grande do Sul.

Apesar das consistentes e numerosas discussões já apresentadas sobre o funcionamento das vogais médias do PB, até o momento não foram propostas pesquisas especificamente sobre o comportamento dessas vogais em “clíticos”.

Em virtude da existência dessa lacuna, o presente trabalho tem como tema o estudo da elevação de vogais dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”, no Rio Grande do Sul, particularmente na variante utilizada na cidade de Bagé, que tem localização próxima à fronteira com país de fala espanhola.

A opção por investigar a regra de elevação de vogais átonas de clíticos em uma localidade próxima à fronteira deveu-se ao fato de, na língua espanhola, as vogais médias altas não se tornarem vogais altas em posição final, diferentemente do que ocorre na maioria das variantes do PB. Pelo fato de o comportamento das vogais átonas finais do Espanhol poder estar influenciando o uso dos mesmos segmentos por falantes brasileiros em comunidades da fronteira com país de fala espanhola, procuramos investigar o comportamento particularmente da vogal átona /e/ em clíticos pronominais. Realizamos, também, a análise de vocábulos lexicais com vogal átona postônica final /e/, a fim de tornar possível o estabelecimento de conclusões sobre a vogal dos clíticos e, indo além, sobre a hierarquia prosódica em funcionamento na fonologia do Português Brasileiro falado na região sul do Brasil. Ao presente trabalho, portanto, subjaz o entendimento de que o estudo

da regra de elevação do /e/ permite o estabelecimento de considerações sobre a prosodização dos clíticos nessa região do País.

Este estudo, ao utilizar dados de uma comunidade que tem localização próxima ao Uruguai, pode trazer resultados importantes com relação ao comportamento da elevação das vogais médias altas de clíticos quanto à sua realidade como regra variável. Pode revelar se essa regra apresenta um estágio de variação estável ou um processo de mudança em andamento, contribuindo, assim, para a descrição do português falado em região de fronteira e ampliando discussões a respeito de mudança lingüística, além de poder também encaminhar discussão sobre o status prosódico dos clíticos.

De acordo com Labov (1972, p.3), *não se pode compreender o desenvolvimento de uma mudança lingüística separadamente da vida da comunidade em que ocorre, pois há pressões sociais que operam sobre a língua*. Utilizando dados de fala de uma comunidade próxima à fronteira, podemos investigar que pressões estão modificando ou não o comportamento lingüístico da comunidade.

Além disso, a aplicação majoritária dessa regra pode confirmar estudos já realizados por Bisol (1999a, 2000), seguindo Nespor & Vogel (1986), de que há, na hierarquia prosódica do PB, a categoria “Grupo Clítico”.

Devemos aqui destacar, como outro aspecto importante abordado pelo presente trabalho, o fato de haver divergências a respeito de a hierarquia prosódica incluir ou não o “Grupo Clítico”. De acordo com Selkirk (1981, 1982, 1984), esse não é um constituinte da árvore prosódica. No entanto, faz-se necessário investigar mais detalhadamente os clíticos, em busca de evidências para a inclusão ou não da categoria Grupo Clítico na hierarquia prosódica, particularmente em se tratando do PB falado no sul do Brasil.

A análise de dados com base na Fonologia Prosódica e na Teoria da Variação se faz pertinente neste trabalho por entender-se que são modelos que têm encontrado um campo fértil para desenvolver e enriquecer estudos referentes à hierarquia prosódica, aos processos lingüísticos variáveis dentro de cada comunidade e, também, ao estudo da mudança lingüística.

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar a elevação da vogal média /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” em dados de fala da comunidade de Bagé, fazendo comparações com a vogal átona final /e/ de

vocábulos lexicais do Português Brasileiro, à luz da Fonologia Prosódica e da Teoria da Variação, verificando as implicações desse fato fonológico relativamente à variação lingüística, à mudança lingüística e à hierarquia prosódica em funcionamento na fonologia do PB na região sul do país.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Verificar o funcionamento da vogal /e/ de clíticos pronominais na cidade de Bagé, identificando os processos a que esse segmento está sujeito, focalizando de modo especial a elevação vocálica.
- Realizar análise do comportamento variável desses processos na comunidade estudada, a partir de tratamento estatístico dos dados.
- Realizar análise desses processos em dados coletados, na cidade de Bagé, a fim de verificar fatos relativos à mudança lingüística.
- Investigar se fatores lingüísticos e fatores extralingüísticos influenciam a variação, a mudança do comportamento da vogal /e/ e, conseqüentemente, a prosodização dos clíticos.
- Discutir, com fundamento na Teoria Prosódica e na Teoria da Variação, as implicações do comportamento dos clíticos para a hierarquia prosódica do Português Brasileiro falado no sul do País.
- Verificar se existe variação na prosodização dos clíticos na cidade pesquisada.
- Contribuir para a descrição do Português Brasileiro.

Esses objetivos foram formulados a partir das seguintes hipóteses:

- A regra de elevação de vogais átonas de clíticos tem baixa aplicação nos dados de Bagé, visto que é uma comunidade que sofre influência da fonologia do espanhol – neste caso é examinada particularmente a regra de elevação da vogal átona /e/.
- Fatores lingüísticos e fatores extralingüísticos influenciam a elevação da vogal /e/ e, assim, também, a prosodização dos clíticos, bem como seu comportamento variável.

- A categorização prosódica do clítico influencia a hierarquia prosódica em operação nessa comunidade lingüística – desse fato depende a (in)existência da categoria “Grupo Clítico” na comunidade aqui estudada.

Salientamos que a análise do comportamento da regra de elevação da vogal /e/ em clíticos, comparada com a do comportamento dessa mesma vogal átona em final de vocábulo, permite a discussão do “status” prosódico dos clíticos na comunidade objeto de estudo.

A presente pesquisa está estruturada em seis capítulos. O primeiro compreende a introdução do estudo, a delimitação do tema, os objetivos e hipóteses do trabalho, bem como a exposição da divisão de cada capítulo.

No segundo capítulo, são apresentadas as bases teóricas da pesquisa, tais como a exposição da Fonologia Prosódica, a caracterização da hierarquia prosódica e do constituinte Grupo Clítico, bem como uma discussão sobre o Grupo Clítico no PB e em outras línguas, sobre os processos de sândi no PB e, também, sobre a sociolingüística variacionista.

O terceiro capítulo é destinado à apresentação da metodologia empregada na pesquisa, explicitando a caracterização dos sujeitos do estudo, do banco de dados BDS PAMPA, dos *corpora* da pesquisa, da transcrição e da codificação dos dados, bem como das variáveis dependentes e das independentes, além do método de análise dos dados.

No quarto capítulo, trazemos a descrição dos dados e a análise estatística. É neste momento que são mostradas as variáveis selecionadas pelo Pacote Estatístico VARBRUL, bem como seus percentuais e pesos relativos e, também, são feitos comentários a respeito da relevância de cada variável.

O quinto capítulo apresenta a interpretação dos resultados, com base em Teorias Fonológicas e na Teoria da Variação. São, também, realizadas comparações entre os resultados dos dois *corpora* analisados na pesquisa.

No sexto capítulo, encontram-se as considerações finais sobre a investigação desenvolvida.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como o tema da presente pesquisa é a elevação de vogais de clíticos pronominais no Sul do Brasil e a aplicação desse processo tem implicações diretas relativamente a constituintes prosódicos da língua, apresentamos os fundamentos da Fonologia Prosódica, particularmente segundo Selkirk (1982, 1990) e Nespor & Vogel (1986). Também são aqui apresentadas discussões a respeito da hierarquia prosódica e dos clíticos, realizadas por Bisol (1999a, 2000) e Vigário (2001).

Além disso, como a investigação prevê o estudo variacionista do fenômeno fonológico em foco, apresentamos fundamentos referentes à teoria da Variação (Labov 1982, 1996).

2.1 Fonologia Prosódica

A Teoria Prosódica (TP), desenvolvida por Selkirk (1980, 1982, 1984, 1986), Nespor & Vogel (1982, 1983, 1986), Hayes (1989), estuda o funcionamento da estrutura prosódica das línguas. A TP faz o mapeamento entre a sintaxe e a fonologia e, conseqüentemente, das unidades que as constituem.

Os constituintes prosódicos servem de domínio de aplicação de regras fonológicas específicas. Há diferentes propostas de hierarquia prosódica: Selkirk (1978, 1980, 1981, 1986, 1990), Nespor & Vogel (1986), Hayes (1984, 1986), entre outras. Nesta pesquisa, seguimos a proposta de Nespor & Vogel (1986).

2.1.1 Proposta de Nespor & Vogel (1986)

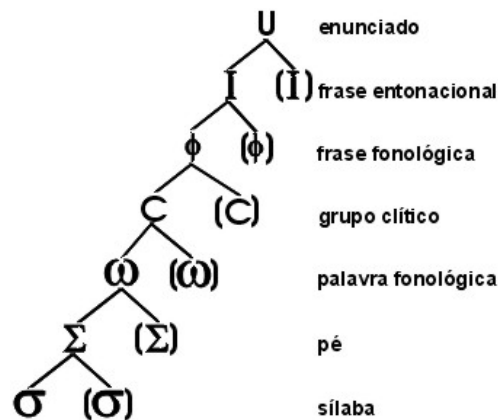
De acordo com Nespor & Vogel (1986, p.7), a estrutura prosódica *constitui um subsistema do componente fonológico da gramática e interage de maneira diferente com os outros subsistemas representados por diferentes teorias*, entre as quais estão a Teoria Autossegmental, a Teoria Métrica e a Fonologia Lexical.

Na Fonologia Prosódica, cada constituinte é caracterizado tanto pelas diferentes regras para as quais serve de domínio, como por distintos princípios que constituem a base de sua definição; cada constituinte da Fonologia Prosódica proporciona diferentes tipos de informações fonológicas na definição de seu domínio.

De acordo com essa proposta teórica, há, na fonologia, constituintes prosódicos que estão organizados de forma hierarquizada. Assim como para Selkirk (1986), para Nespov & Vogel (1986) os constituintes prosódicos correspondem a domínios de aplicação de regras fonológicas e é esse fato que os torna integrantes da estrutura hierárquica da Fonologia Prosódica.

Para Nespov & Vogel, a hierarquia prosódica é composta por sete constituintes: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra fonológica (ω), o Grupo Clítico (C), a frase fonológica (ϕ), a frase entonacional (I) e o enunciado (U). Essa hierarquia é representada por um diagrama arbóreo, conforme aparece em (1)

(1)



Nesse diagrama arbóreo, podemos observar, seguindo Nespov & Vogel (1986, p.7), que há princípios que regulam a hierarquia prosódica, tais como:

Princípio 1. Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, x^p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, x^{p-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual ela é parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica ramificam-se enearamente.

Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida entre nós irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco (w).¹

Esses princípios estabelecem uma configuração geométrica, a qual é a mesma para a formação da estrutura interna de cada constituinte prosódico. Verifiquemos em (2) a construção do constituinte prosódico, de acordo com Nespor & Vogel (1986, p.7):

(2) Construção do constituinte prosódico

Agrupe em uma categoria x^p ramificada enearamente todos os x^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada por uma definição do domínio de x^p .

Na regra mencionada, x^p representa um constituinte, isto é, pé, palavra fonológica, Grupo Clítico etc e x^{p-1} , o constituinte imediatamente inferior a x^p .

Retomando o diagrama arbóreo mostrado em (1), podemos verificar que o menor constituinte prosódico dessa árvore é a sílaba. Para Nespor & Vogel (1986), dizer que a sílaba é o menor constituinte da Fonologia Prosódica não significa que não possa ser dividida em unidades menores, ou que não apresente estrutura interna. As autoras excluem, da hierarquia prosódica, segmentos, *onsets* e rimas, porque estas unidades não estão organizadas de acordo com os princípios que regem todas as demais unidades acima do nível da sílaba e, também, porque, para as autoras, não servem como domínio de aplicação de regras fonológicas. Nespor & Vogel citam Van der Hulst (1984) ao referirem que as sílabas dominam moras em vez de ataques e rimas; já as autoras não incluem as moras na estrutura prosódica, pois, para elas, as moras não são unidades válidas como domínio de aplicação de regras fonológicas.

¹ A tradução dos trechos em inglês é de inteira responsabilidade da autora da dissertação.

2.1.1.1 Caracterização dos constituintes prosódicos

As unidades que formam a hierarquia prosódica, segundo Nespor & Vogel (1986), podem ser assim caracterizadas:

Sílaba (σ): é o menor constituinte da hierarquia prosódica e serve de domínio para regras fonológicas. A sílaba é formada por um Ataque (A), um Núcleo (Nu) e uma Coda (Co), sendo o núcleo o cabeça do constituinte. No português, a única categoria obrigatória para a existência da sílaba é o núcleo, podendo as outras categorias ser vazias.

Em (3), encontramos um exemplo da sílaba como domínio para uma regra fonológica, o que a determina como um constituinte da hierarquia prosódica.

(3)

Regra de vocalização de /l/ em posição de coda, ou seja, em limite de sílaba

$$l \rightarrow w / _ _]\sigma$$

Exemplos:

sal \rightarrow sa[w]

sol \rightarrow so[w]

Pé (Σ): o pé métrico é uma unidade constituída por sílabas. Assim como os outros constituintes prosódicos, o pé apresenta uma relação de dominância, em que uma das sílabas apresenta maior proeminência e a(s) outra(s) são consideradas fracas, ou seja, são dominadas pela sílaba forte. Há diferentes tipos de pés, dependendo da posição do cabeça do constituinte. O modelo proposto por Nespor & Vogel (1986) diz que os pés, assim como todos os constituintes da árvore prosódica, são estruturas n-áreas.

Nespor & Vogel (1986, p.90-91) mostram um exemplo de regra que tem como domínio de aplicação o pé. A regra de aspiração em inglês atua nas

oclusivas /p/, /t/ e /k/. No exemplo citado pelas autoras, apenas é comentada a aspiração da oclusiva /t/. Esse fenômeno está reproduzido em (4).

(4)

time	→	[t ^h]ime	[time]Σ	tempo
tuna	→	[t ^h]una	[tuna] Σ	atum
toucan	→	[t ^h]oucan	[tou] Σ [can] Σ	tucano

(5)

sting	→	*s[t ^h]ing	[sting] Σ	picada, mordida (de inseto)
abstain	→	*abs[t ^h]ain	[ab]Σ [stain]Σ	abster-se, privar-se

Em (4), verificamos que a regra de aspiração de /t/, de acordo com as autoras, ocorre quando este segmento aparece na borda esquerda do pé; todavia, se /t/ não for o primeiro segmento do pé métrico, ou seja, se localizar-se após /s/ ou uma ou mais sílabas o precederem, essa regra de aspiração não será aplicada, como podemos ver em (5).

Palavra Prosódica (ω): a palavra prosódica ou fonológica é um constituinte da hierarquia prosódica formado por pés; é no nível da palavra fonológica que componentes fonológico e morfológico interagem. A ω, por possuir um só elemento proeminente, não apresenta mais do que um acento primário.

Observamos, em Nespor & Vogel (1986, p.125), uma regra do italiano padrão do norte que se aplica no interior de palavras, porém nunca entre palavras. Essa regra está reproduzida em (6).

(6)

Sonorização de **s** Intervocálico (SsI)

a[z]ola

a[z]ilo

la [s]irena *la [z]irena
hanno [s]eminato *hanno [z]eminato

De acordo com Nespor & Vogel (1986, p.125), a Sonorização do **s** Intervocálico não se aplica, também, entre uma palavra e um elemento enclítico, ou proclítico.

(7)

telefonati[s]i *telefonati[z]i
lo [s]apevo *lo [z]apevo

Segundo as autoras, poderíamos pensar que a regra Ssl teria como domínio o pé. Vejamos, em (8), um exemplo do italiano padrão (NESPOR & VOGEL, 1986, p.127).

(8)

Σ Σ
| \wedge
a[z]ilo

Σ
 \wedge
ca[z]o

Como pode ser verificado nos exemplos em (8), o domínio dessa regra é maior que o pé, visto que Ssl é aplicada tanto no interior do pé, como entre pés, mas é menor do que uma seqüência de duas palavras, por isso Nespor & Vogel (1986) concluem que o domínio da regra de Sonorização de **s** Intervocálico é a palavra prosódica.

Grupo Clítico (C): os clíticos são de difícil definição, pois apresentam um comportamento parecido ao de uma palavra independente, mas ao contrário desta, eles precisam apoiar-se sintaticamente e fonologicamente. Além disso, os clíticos não portam acento, o que os difere de palavras fonológicas. De

acordo com Bisol (2000, p. 234), *define-se o Grupo Clítico como uma unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo.*

Há quem considere os clíticos como parte integrante da palavra fonológica (Selkirk, 1981, 1986; Peperkamp, 1997; Marina Vigário, 2001), outros pesquisadores consideram os clíticos como palavras prosódicas independentes (Nespor & Vogel, 1986; Bisol, 1999a, 2000). Aqueles consideram que os clíticos, por serem átonos, se incorporam à palavra prosódica, enquanto estes acreditam que os clíticos não se integram a uma palavra fonológica, mas se anexam a elas, pois, embora não possuam acento, submetem-se às mesmas regras da palavra fonológica. Para Nespor & Vogel (1986) e Bisol (1999a, 2000), os clíticos são uma categoria independente e formam, com o seu hospedeiro, um Grupo Clítico.

Vejamos, em Bisol (1999a, p.235), um exemplo de regra cujo domínio é o Grupo Clítico. No Português Brasileiro, a regra de elisão da vogal **a** ocorre no interior de um C. Nessa regra, apaga-se a vogal **a** da primeira palavra, quando a palavra seguinte iniciar por outra vogal, exceto por **a**.

(9)

[pela_idade]_C eu era pequeno

[pelidade]_C

[uma hotelaria]_C

[umotelaria]_C

Como essa regra não ocorre dentro de palavra fonológica sem fronteira morfológica (Ex.: caiçara *[kisara]), podemos afirmar ser o Grupo Clítico o seu domínio. Na verdade o Grupo Clítico é seu menor domínio, uma vez que a referida regra pode ocorrer também no domínio da Frase Fonológica (Ex.: [ovelha_imensa]_φ), como retomaremos mais tarde neste texto.

Frase Fonológica (φ): é constituída de um ou mais grupos clíticos que, de acordo com Bisol (1999a, p.236), *pode ser uma locução (a casa) ou apenas uma palavra fonológica (casa).* A frase fonológica, de acordo com Nespor & Vogel (1986, p.168), é definida levando-se em consideração o domínio, a

construção e a proeminência relativa da ϕ . Reproduzimos, a seguir, a definição desses elementos proposta pelas autoras.

Formação da Frase Fonológica

I. Domínio da ϕ

O domínio da ϕ consiste de um C que contém um cabeça lexical (X) e todos os Cs no seu lado não recursivo até chegar ao C que contém outro cabeça lexical localizado fora da projeção máxima de X^2 .

II. Construção da ϕ

Reúna em ϕ de ramificação n-ária todos os Cs incluídos em uma seqüência delimitada pela definição do domínio de ϕ .

III. Proeminência Relativa da ϕ

*Em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à direita, o nó mais à direita da ϕ é classificado como **s** (strong); em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à esquerda, o nó mais à esquerda da ϕ é classificado como **s**. Todos os nós irmãos de **s** são classificados como **w** (weak).*

Em (10), verificamos a Retração de Acento – uma regra do italiano setentrional padrão – citada por Nespor & Vogel (1986, p. 174), a qual tem como domínio de aplicação o constituinte frase fonológica. De acordo com as autoras, essa regra faz com que, em uma seqüência de duas palavras fonológicas, a primeira contendo acento primário na última sílaba e a segunda sendo acentuada na primeira sílaba, o acento da primeira palavra se desloque para a esquerda. Assim, evita-se o choque de acentos primários.

(10)

- a. metá tórta → méta tórta
- b. ònoró Búdda → ónoro Búdda

Em *b*, verificamos que o acento secundário é apagado, dando lugar ao primário, que se desloca de sua posição a fim de evitar o choque de acentos.

Frase Entonacional (I): constitui-se de uma ou mais frases fonológicas com uma entonação identificável. Uma frase entonacional é constituída de frases fonológicas, sendo que o final desse constituinte coincide com posição em que uma pausa pode ser introduzida. A frase entonacional forma-se pela divisão de uma seqüência de frases fonológicas.

De acordo com Bisol (1999a), no Português Brasileiro não há regras cujo domínio específico seja a frase entonacional. Regras de sândi são aplicadas desde o Grupo Clítico até o enunciado. Vejamos uma regra de sândi mostrada por Bisol (1999a, p.240) cujo domínio é a frase entonacional.

(11)

[Eduardo]_I [espere um pouco]_I (NURC)
[edwardwisp rijũmpowku]_I (Ditongação)

[Fizeram uma confusão tremenda]_I [e me fecharam a conta]_I (NURC)
[fiz rãw uma kō fuzãw tremēndi mi fe arãw a kōnta]_I (Elisão)

Enunciado(U): é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Uma ou mais frases entonacionais formam um enunciado. O enunciado é identificado pela pausa ou pelos limites sintáticos. A proeminência desse constituinte localiza-se sempre mais à direita.

Bisol (1999a) mostra dois enunciados, um sem sândi e outro com sândi externo. Esses enunciados são pequenos, pronunciados sem pausa pelo mesmo indivíduo e dirigidos ao mesmo interlocutor – essas são as condições de reestruturação que devem ser atendidas pelos Us. Reproduzimos, a seguir, esses enunciados retirados de Bisol (1999a, p.241)

(12)

Sem sândi

[Sim, passar passa.]U [Agora ocupa a estrada inteira.]U

Com sândi

[Si , pasar pasag rokupajst adintejr]U

2.1.2 O Grupo Clítico (C) no Português Brasileiro

Como o tema da presente pesquisa é o estudo de clíticos e estes, na proposta teórica de Nespor & Vogel (1986), integram o constituinte prosódico “Grupo Clítico”, apresentamos um detalhamento de sua caracterização.

A existência do constituinte Grupo Clítico na hierarquia prosódica tem sido muito questionada na literatura. Para Nespor & Vogel (1986, p.145), é difícil classificar os clíticos, pois não podemos considerá-los como palavras independentes, devido ao fato de não portarem acento; também não podemos classificá-los como afixos, em razão de serem formas livres. A autora aborda o fato de que a palavra prosódica se constitui de três elementos: sílaba, pé e acento e é, portanto, o acento o maior identificador desse constituinte; os clíticos não são candidatos a receber acento e não preenchem, portanto, a condição indispensável para que se caracterizem como palavras. O único tipo de acento que os clíticos podem receber é o acento enfático, mas esse não identifica a palavra fonológica; é o acento primário, lexical, que a estabelece. Além disso, nem todos os clíticos formam pés, que é um outro requisito da caracterização de uma palavra fonológica.

Para que essa categoria exista como constituinte na hierarquia prosódica, é preciso que seja domínio de aplicação de alguma regra fonológica. No Português Brasileiro, o Grupo Clítico é domínio para a regra de neutralização da vogal átona postônica final; essa regra é aplicada em final de palavra, mas, também, é empregada a clíticos. A regra de neutralização de /e,o/, em final de palavra, transforma essas vogais médias em vogais altas, ou seja, [i,u]. Essa regra, ao ser aplicada ao clítico, pode *desambigüizar pares mínimos* (Bisol, 2000, p. 20), exemplos: por tela, [pur] tela/portela; se senta, [si]senta/sessenta (p.20). Apesar de essa regra se manifestar no Português Brasileiro, não é categórica, conforme podemos observar nos exemplos apresentados em (13) e (14):

(13)

senti-se ~ sente-se ~ sente-si ~ senti-si (BISOL, 2000, p.25)

(14)

Um só vocábulo	Um Grupo Clítico
te considero [te kõnsid ru] ω	[[i]ω[kõnsid ru] ω]C
me leve [me l vi]ω	[[mi]ω[l vi]ω]C

(BISOL, 1999a, p. 234)

Em (14), verificamos duas colunas, a primeira, conforme a autora, indica que o clítico se manifesta como uma sílaba pretônica, ou seja, forma, junto com a palavra seguinte, um único vocábulo fonológico. A segunda coluna, de acordo com Bisol (1999a), é representativa do português, indicando que o clítico é parcialmente independente: nele é manifestada a mesma regra de neutralização que é empregada em palavras fonológicas.

A autora defende a idéia proposta por Nespor & Vogel (1986) de que um ou mais clíticos mais seu hospedeiro formam um Grupo Clítico, que é um constituinte da hierarquia prosódica. O clítico, de acordo com Bisol (2000, p.11), é *invisível à palavra fonológica que se forma no componente lexical, atingindo status prosódico, afora o de sílaba, somente depois de ter assumido um papel sintático*. Dessa forma, o Grupo Clítico seria considerado um constituinte pós-lexical.

O Grupo Clítico se forma, de acordo com a autora, no componente pós-lexical, pois está exposto a regras fonológicas somente neste nível. É a partir do constituinte Grupo Clítico que se manifestam regras de degeminação, ditongação e elisão, as quais são denominadas processos de sândi. Essas regras se manifestam, também, na frase fonológica, na frase entonacional e no enunciado.

Bisol (2000) explica que a regra de elisão é a responsável por considerar os clíticos como não pertencentes à palavra fonológica. Essa regra de sândi consiste na omissão de sons no discurso corrido. Essa omissão constitui-se de um choque silábico que faz com que consoantes, vogais e também sílabas inteiras possam ser apagadas. A elisão, no caso aqui mencionado, trata do apagamento da vogal “a” de uma palavra quando a palavra seguinte for iniciada por qualquer vogal, exceto o próprio “a”. Vejamos alguns exemplos referentes à regra de elisão em (15):

(15)

a. frase

menina orgulhosa	meni[nor]gulhosa
casa escura	ca[zis]cura

b. clítico

Venho pela <u>estrada</u>	pe[lis]trada
Em cada <u>esquina</u>	ca[dis]quina

c. palavra com fronteira morfológica

para-estatal ~ parestatal
 intra-uterino ~ intruterino

d. palavra sem fronteira morfológica

maometano * mometano
 saideira *sideira

(BISOL, 2000, p.26)

A elisão, segundo a autora, não se aplica no interior de um vocábulo sem fronteira morfológica. Dizemos “gauchada”, mas não “*guchada”; “baunilha”, mas nunca “*bunilha”.² Esse processo de sândi se aplica no interior de um Grupo Clítico e dentro de uma frase, e, também, no interior de um vocábulo com fronteira morfológica. Para Bisol (1999a), o clítico perde sua independência no momento em que ocorre, entre os elementos do Grupo Clítico, um processo de sândi, tornando-se somente neste caso, com o hospedeiro, uma palavra fonológica.

Em síntese, Bisol (2000) considera os clíticos não como pertencentes à palavra prosódica mas, sim, como pertencentes a um Grupo Clítico – ou uma palavra fonológica pós-lexical –, o qual se forma da junção de um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo.

2.1.3 O Grupo Clítico em outras línguas

² Exemplos retirados de Bisol (2000, p.27)

Nespor & Vogel (1986) referem-se a uma série de evidências para sustentar o constituinte Grupo Clítico na hierarquia prosódica, entre elas citam um trabalho de Zwichy (1984), o qual mostra que, no turco, as palavras possuem acento primário na última sílaba e que, nos casos em que há um clítico ao final de uma palavra, não há mudança do acento. Para Zwichy, os clíticos não têm nenhuma influência na mudança de acento de palavras; esse fato evidencia que são elementos não integrantes da palavra, ou seja, estão externos a ela.

Outra evidência para se considerar o Grupo Clítico como um constituinte pertinente na Fonologia Prosódica é o fato de que a regra segmental Sonorização de **s** Intervocálico do italiano padrão (Nespor & Vogel, 1986), cujo domínio de aplicação é a palavra fonológica, não se aplica através da junção entre um clítico e uma palavra, conforme referido em 2.1.1.1, (7). Essa regra não é aplicada, também, entre dois clíticos, conforme indicam Nespor & Vogel (1986, p.148), reproduzido em (16).

(16)

ci [s]i va insieme (*[z])
iremos ali juntos

Esses dados do italiano revelam um comportamento diferente entre clíticos e palavras fonológicas. A regra de Ssl tem como contexto de aplicação a palavra prosódica, mas nunca afeta o clítico.

Nespor & Vogel (1986) ressaltam que é preciso tomarmos alguns cuidados ao classificar os clíticos como palavras independentes, pois eles apresentam dependências fonológicas e sintáticas e, também, nunca podem aparecer sozinhos em um enunciado. As autoras propõem que *a) se um elemento é ou não um clítico deverá ser decidido a partir de critérios não fonológicos e [que] b) deve ser criado um lugar específico para os clíticos na Fonologia Prosódica* (Nespor & Vogel, 1986, p.149).

Além disso, salientam que há regras que têm como contexto os clíticos, como é o caso, referido pelas autoras, de regras do inglês exemplificadas por Hayes (1984). De acordo com esse autor, o Grupo Clítico, nessa língua, é domínio de aplicação da regra de elisão de **/v/** e de palatalização de **/s/** e **/z/**.

Vimos, em Nespor & Vogel (1986, p.150), a aplicação dessas regras, as quais reproduzimos em (17).

Regra de Elisão de /v/ (em final de palavra, diante de um segmento [-silábico] em determinados elementos lexicais).

(17)

[Please]_c [leave me]_c [alone]_c

|
ϕ

Essa frase pode ser produzida sem a realização fonética da fricativa labial.

Essa regra não é aplicada se as duas palavras morfológicas não pertencem ao mesmo Grupo Clítico – veja-se o exemplo em (18).

(18)

[Please]_c [leave]_c [Mauren]_c [alone]_c

Em (18), a fricativa labial [v] tem que ser realizada foneticamente.

A outra regra mostrada por Hayes (1984) é a regra de palatalização de [s,z] diante de [,]. Segundo Hayes, o domínio dessa regra é o Grupo Clítico, pois a palatalização de [s,z] é aplicada entre um clítico e seu hospedeiro. Essa regra foi retirada de Nespor & Vogel (1986) e está reproduzida em (19).

(19)

[is Sheila]_c [coming?]_c

|
[]

Sheila vem?

2.1.4 A discussão sobre a existência ou não do Grupo Clítico

2.1.4.1 Revisão de Vigário (2001)

Em Vigário (2001) encontramos uma revisão da Fonologia Prosódica, na qual é apresentada uma estrutura hierárquica que não inclui o constituinte “Grupo Clítico”. Este é mencionado pela autora e, também, criticado.

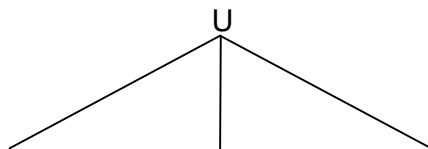
Vigário (op. cit.) ressalta que Hayes (1989) propõe o Grupo Clítico como mais um domínio prosódico, o qual se posiciona entre a palavra prosódica e a frase fonológica, porém a autora refere muitos trabalhos que mostram evidências contra a existência desse domínio prosódico.

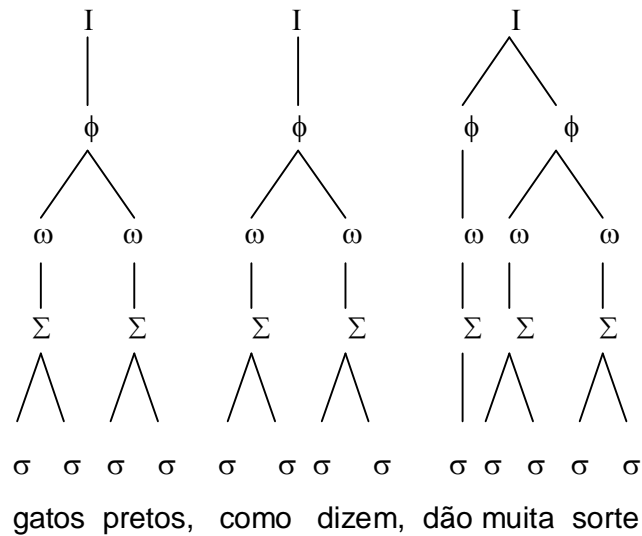
Essa hierarquia prosódica é considerada universal, mesmo que não existam todos os constituintes em algumas línguas, pois o fato de línguas carecerem de determinado constituinte prosódico não indica que ele não tenha nenhuma função na fonologia da língua. Vigário (2001) diz que, sem sândi, a frase fonológica está ausente no Português Europeu (PE), porém há outros fenômenos que mostram o quão relevante é este constituinte nesta língua. Estes fenômenos, de acordo com Vigário (2001, p.3), incluem:

- (i) processos de resolução de choque – que refletem a relação de proeminência do nível ϕ , e, portanto, o domínio frase fonológica (cf. Frota 2000, capítulo 3);
- (ii) distribuição de grau de acento – visto que os graus de acento no PE são atribuídos primitivamente ao cabeça da frase- ϕ (cf. Frota 2000 4.2.3, Vigário 1998);
- (iii) registro de mudança – registro de mudança somente ocorre sobre ϕ s, mas não dentro de ϕ s (cf. Vigário 1997a, 1997b, 1998, 6.2.3.4);
- e (iv) exigência de influência fonológica em certas construções sintáticas – visto que, por exemplo, a frase-I que inclui a proposição de que uma frase topicalizada exige extrair um cabeça pesado, isto é, uma ϕ que sustenta o foco ou é ramificada (cf. Frota e Vigário 1996; Vigário e Frota 1998).

Vigário (2001, p.7) mostra uma seqüência de segmentos, em uma sentença do Português Europeu, dispostos em uma árvore prosódica. Essa estrutura está reproduzida em (20).

(20)





Nessa árvore prosódica, aparecem os seis constituintes que, segundo a autora, integram esta hierarquia, ou seja, a sílaba, o pé, a palavra prosódica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado. Vemos que não há, nessa hierarquia, o Grupo Clítico.

A autora salienta que há muitos pesquisadores que incluem a categoria Grupo Clítico na hierarquia prosódica, porém defende que há vários argumentos contra a existência desse constituinte. Vigário cita Inkelas (1990), que diz que a maioria dos casos apresentados como evidência da existência do Grupo Clítico podem ser reinterpretados, isto é, defende que é necessário distinguir palavras prosódicas lexicais e regras lexicais de palavras prosódicas pós-lexicais (o que pode incluir os clíticos) e regras pós-lexicais. Portanto, se o Grupo Clítico for explicado por necessitar de uma ferramenta independentemente, no componente pós-lexical, distinguir-se-á de palavras prosódicas lexicais e, assim, será eliminado da hierarquia prosódica esse constituinte. Além disso, segundo a autora, a definição de Grupo Clítico proposto por Nespor & Vogel (1986) diz que clíticos formam palavras prosódicas independentes, entretanto os clíticos apresentam deficiências prosódicas e carecem de propriedades que caracterizam uma palavra prosódica independente.

Vigário também cita os trabalhos de Inkelas (1990), Inkelas e Zec (1991), Selkirk (1996), Kleinhenz (1996), Peperkamp (1997), Hall (1999), entre

outros, pois estes se referem aos clíticos como podendo ser ligados tanto à palavra prosódica como à frase prosódica. Para esses autores, o fato de existir o constituinte Grupo Clítico na prosódia pode fazer com que não se consiga explicar a diferença entre palavra clítica e frase clítica.

Vigário assume que, entre outras razões, as já mencionadas constituem fortes justificativas para considerar o Grupo Clítico como uma categoria inexistente na Fonologia Prosódica. A autora assume que, por não existir como um constituinte, o Grupo Clítico deve estar ligado a outros itens que sejam estruturas prosódicas. Para Vigário (2001), os hospedeiros prosódicos possíveis para os clíticos podem ser a palavra prosódica, a frase fonológica e a frase entonacional. Palavras prosódicas parecem ser o hospedeiro mais freqüente dos clíticos.

A autora também se refere a clíticos como sendo diferentes de afixos, ou seja, enquanto estes se ligam, no nível lexical, à palavra prosódica que domina a base morfológica, os clíticos se juntam pós-lexicalmente ao seu hospedeiro prosódico.

Vigário (1999, p. 265) explica que clíticos pronominais escolhem seu hospedeiro especial – o verbo. Também declara que há determinadas especificidades dos clíticos pronominais que os difere de afixos lexicais. Uma delas é o fato de os clíticos serem combinados com seu hospedeiro somente no nível pós-lexical. Além disso, estes podem ser pré-verbais ou pós-verbais, já para os afixos não é admitida essa mobilidade. O fato de clíticos serem pré ou pós-verbais é determinado por fatores sintáticos e prosódicos. A forma pronominal clítica padrão apresentada no PE é a ênclise, mas a próclise pode ser o gatilho para a presença de certas palavras (tais como a negação, alguns quantificadores, alguns advérbios, complementos) numa posição específica relativa ao clítico. A autora destaca que, no Português Europeu, o acento pode estar localizado na última, na penúltima ou na antipenúltima sílaba; pode cair além da antipenúltima sílaba, se houver uma seqüência hospedeiro mais enclítico.

A autora mostra exemplos de clíticos em posição enclítica e proclítica e exemplos da posição do acento em palavras e em hospedeiro mais enclítico. Esses exemplos são reproduzidos em (21).

(21)

- | | | |
|-----------------------------------|--------|-----------------------------|
| 1. a. eles encontraram- se | versus | todos se encontraram |
| b. ele viu- a | versus | ele disse que a viu |
| 2. a. comam- no | versus | (não) o comam |
| b. comemo- la | versus | (já) a comemos |
| 3. a. jacarÉ | | |
| varANda | | |
| esdrÚxulo | | |
| b. dávamo-lo | | |
| dávamo-vos-la | | |

(VIGÁRIO, 1999, p. 266)

Nos exemplos 1a, 1b, 2a e 2b, verificamos a presença da ênclise, exceto quando há uma partícula atrativa da próclise. Em 3a, encontramos as posições de acento permitida nessa língua, já em 3b, a autora mostra o acento recaindo sobre a 4ª e 5ª sílabas, pois há um hospedeiro mais um enclítico. A presença da ênclise não muda a posição do acento do hospedeiro verbal, mesmo que este esteja na 4ª ou na 5ª sílaba.

A autora atribui diferenças importantes entre proclíticos e prefixos, tais como: a) prefixos mais a base formam-se no nível lexical, enquanto a seqüência proclíticos mais hospedeiro se forma no pós-léxico; b) proclíticos podem submeter-se à regra de redução, mas prefixos não. Essas diferenças são exemplificadas no trabalho de Vigário (1999, p. 277-278) e as reproduzimos em (22) e em (23).

(22)

- | | |
|-------------------------------------|----------|
| a. já não embarco hoje | [ê] *[ê] |
| b. eles vão em barcos velhos | *[ê]/[ê] |

Em (22), a autora mostra, no PE, um processo de nasalidade, no qual o prefixo **en-** é visto como um limite de morfema, não motivando a criação do ditongo nasal, já **em** (preposição/ conjunção) é visto como palavra independente (morfologicamente), por isso o ditongo nasal final é criado.

Em (23) verificamos um outro exemplo do Português Europeu dado por Vigário (1999, p. 278), referindo-se à diferença entre prefixos e proclíticos.

(23)

- a. **de** organizadores [j]/0
- b. **re**organizar [j]/*0

Nesses exemplos, a autora mostra que, em (23a), uma regra de redução é aplicada, enquanto, em (23b) esta não é aplicada. Em *de organizadores*, temos um elemento proclítico, já, em *reorganizar*, *re-* é um prefixo, que, como já foi mencionado anteriormente, não pode sofrer a regra de redução.

Enfim, Vigário (1999) salienta que não podemos considerar que prefixos e proclíticos apresentam a mesma estrutura prosódica, pois, caso contrário, não poderíamos explicar as diferenças de prosodização destes elementos. Para a autora, existe uma diferença fundamental entre proclíticos e prefixos, ou seja, enquanto prefixos são ligados à palavra prosódica seguinte no componente lexical, proclíticos unem-se à palavra seguinte no componente pós-lexical. De acordo com a autora, o processo de redução é admitido somente em elementos que são independentes em alguns pontos no componente pós-lexical, mesmo estes sendo deficientes prosodicamente; este é o caso de proclíticos, mas não de prefixos.

Os clíticos, ao sofrerem regras de sândi, integram-se a seu hospedeiro; devido a esse fato, optamos por apresentar os dois processos dessa natureza que foram investigados em nossa pesquisa: a degeminação e a ditongação. Vejamos, a seguir, um breve comentário sobre cada uma dessas regras.

2.2 Processos de Sândi

É importante salientar que, se o Grupo Clítico forma uma unidade com o hospedeiro, pode sofrer processos de sândi, como “degeminação”, “elisão” e

“ditongação”. Explicitamos em nosso trabalho as regras de degeminação e ditongação, pois estas apresentam resultados de fundamental importância no *corpus* da presente pesquisa.

2.2.1 Degeminação: o processo de degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são foneticamente iguais, devendo a segunda vogal não apresentar acento primário. Esse processo de sândi difere da regra de elisão, uma vez que abrange não somente a vogal baixa, como toda seqüência de vogais idênticas. Vejamos, a seguir, exemplos de degeminação, tanto com a manutenção da vogal /e/, como com a elevação desta vogal para [i]. Os exemplos, em (24), foram retirados do *corpus* da presente pesquisa.

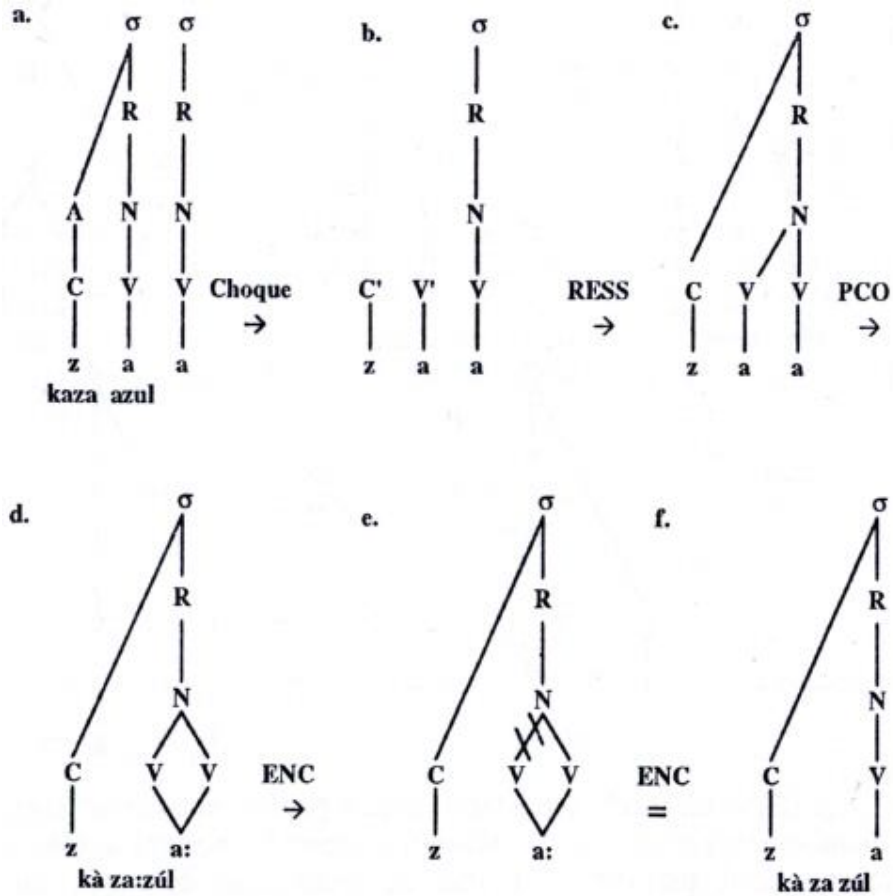
(24)

Ex.: me esquece → m[e]squece ~ m[i]squece
te ensina → t[ê]nsina ~ t[ĩ]nsina

Em Bisol (1996), verificamos como ocorrem processos de sândi. A autora cita um exemplo em que há duas vogais idênticas próximas uma a outra e refere-se que, nesse contexto, é comum haver o processo de degeminação. Há uma série de caminhos que levam à construção dessa regra. Primeiramente, é necessário operar o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), o qual proíbe segmentos adjacentes iguais. Vejamos, em (25), um exemplo de degeminação retirado de Bisol (1996, p.67).

Devemos observar que, no exemplo em (25), as duas vogais que sofrem o processo de degeminação são átonas, fato que também ocorre nos exemplos em (24).

(25)



Bisol (op. cit.) salienta que o choque de núcleos silábicos faz com que haja a perda de um núcleo; após essa perda, há o processo de rasilabação, o OCP atua e uma regra de encurtamento gera a saída desejada. A autora também destaca que há restrições rítmicas, as quais impedem haver o processo de degeminação. Verificamos em (26) exemplos retirados de Bisol (1996, p.68).

(26)

- a. Ambas as vogais tônicas (sem aplicação)
 araça ácido * ara[sá]cido
- b. A segunda acentuada (sem aplicação)
 imensa área * imen[sá]ria
- c. A primeira acentuada (com aplicação)
 Obriga os dedos a fica ámontoados fi[ká]montoados

d. Ambas átonas (com aplicação)

Frutas que eu nunca havia visto nun[k^a]via visto

De acordo com Bisol (op. cit, p.68), *se duas vogais forem acentuadas, a degeminação é banida (26a) pela Condição de Boa Formação*. Em (26b) também não há possibilidade de ocorrer degeminação, pois a segunda vogal possui acento. No exemplo em (26c) a primeira vogal porta acento, mas este não impede de aplicar-se essa regra de sândi. Conforme a autora, o contexto mais adequado para a regra é quando as duas vogais iguais são átonas, porque obedece à condição de atonicidade máxima.³ Essa condição desempenha a função de proibir estruturas de sândi malformadas.

O processo de ditongação é o mais relevante para a presente pesquisa, pois os resultados de nosso trabalho mostraram ser esse processo muito freqüente nos dados da comunidade de Bagé, aqui estudada. (veja-se seções 4.1.2.1 e 4.1.3).

2.2.2 Ditongação: é o processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, sendo que uma das vogais deve necessariamente ser alta e átona.

Em (27) mostramos alguns exemplos de ditongação retirados do *corpus* de nossa pesquisa.

(27)

Ex.: me acorda → m[ja]corda

se arrependeu → s[ja]rrependeu

Em Bisol (1996, p. 61) verificamos um exemplo no qual se manifesta a regra de ditongação. Este exemplo está reproduzido em (28). Salientamos que as vogais que, em (28), sofrem ditongação são átonas, o que as identifica, nesse sentido, às vogais dos exemplos mostrados em (27).

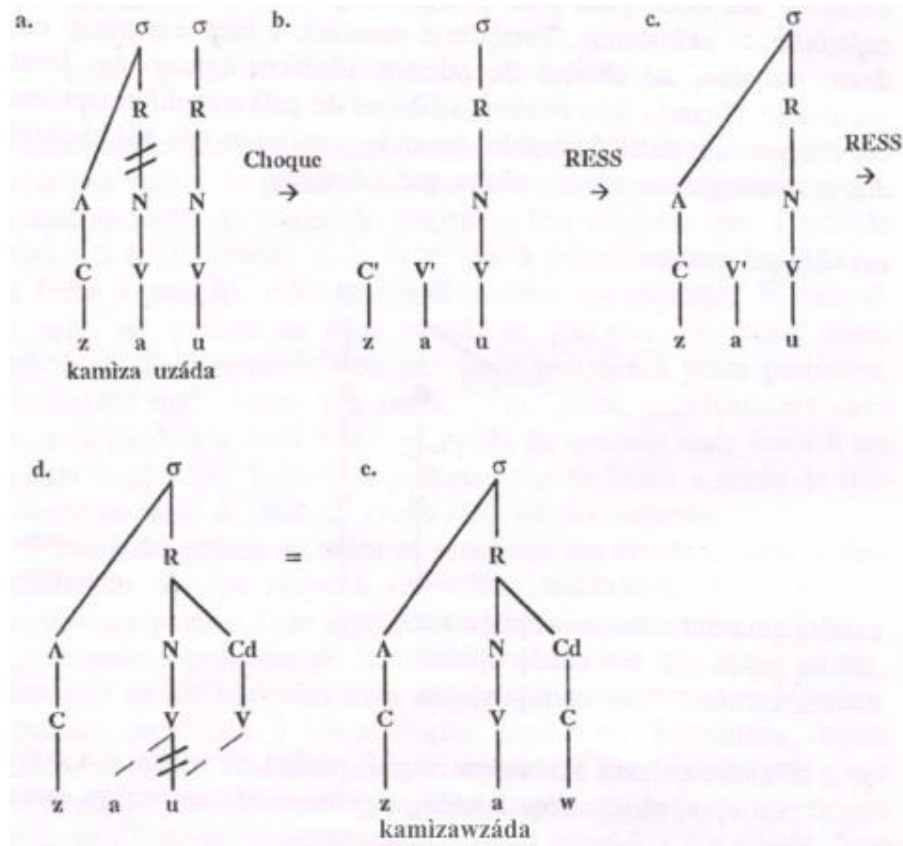
³ *Condição de Ressilabação*

i. *Atonicidade máxima: ambas as vogais da seqüência VV são átonas.*

ii. *Atonicidade mínima: a) uma das vogais é alta e átona*

b) *a da direita não é portadora de acento principal.* (Bisol, 1996, p.64)

(28)



A rresilabação, de acordo com Bisol (op. cit., p.62), executa duas operações. A primeira é a que forma o ataque através da incorporação da consoante perdida à sílaba remanescente; em seguida, reassocia a V' ao núcleo. Estando o núcleo já preenchido, aplica-se o Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), que coloca a vogal /u/ em posição de coda e a vogal /a/ passa a ocupar a posição de núcleo, pois esta possui maior grau de sonoridade.

É importante referir que /u/ só vai para a coda porque é uma soante, condição indispensável para ocupar essa posição na sílaba. Esta vogal, ao preencher a coda, transforma-se em glide; a partir daí forma-se o ditongo cami[zaw]sada.

Há duas possibilidades de *output*: cami[zu]sada e cami[zaw]sada e estas opções, de acordo com a autora, ocorrem em nível pós-lexical, pois é neste nível que são admitidas opções, isto é, variações lingüísticas.

Como trabalhamos com variação lingüística, apresentamos brevemente, a seguir, alguns conceitos e características do modelo variacionista.

2.3 O modelo variacionista

A Sociolingüística Variacionista, desenvolvida por William Labov na década de 60, estuda a língua falada em seu contexto social, ou seja, a língua em uso, buscando apontar a sistematicidade da variação. Esta, de acordo com estudos labovianos, é regular, condicionada por fatores internos e externos à língua.

De acordo com Labov (1982), a sociolingüística passou a ver a relação entre língua e sociedade, com o intuito de sistematizar a variação que caracteriza a língua falada. Por sua proposta produzir a partir de dados lingüísticos, resultados numéricos e por trabalhar com estatística, também foi designada Sociolingüística Quantitativa.

É sabido que a língua apresenta muitas formas para comunicar uma mesma informação. Essas formas são denominadas variedades lingüísticas. A língua, na verdade, é considerada como um sistema que possui formas categóricas, mas, também, regras variáveis. As formas variáveis dependem de fatores lingüísticos e extralingüísticos e, para serem consideradas como variáveis, precisa haver um número significativo de ocorrências dentro de uma determinada comunidade lingüística. Para Labov (1972), uma regra ocorre por razões lingüísticas e se alastra através da influência de fatores sociais.

Monteiro (2000, p.83) ressalta que, *diferentemente de outras correntes lingüísticas, o variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade marcada na fala pode ser analisada de forma coerente*. Para que se possa realizar um estudo adequado da fala, é preciso que seja colhida uma grande quantidade de dados em uma comunidade lingüística.

Entendemos por *comunidade lingüística* não um grupo de pessoas que falam da mesma maneira, mas, sim, uma comunidade formada por *indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam*

seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras (ALKMIM, 2001, p.31).

Na língua, há variantes que podem estar em competição, isto é, ora ocorre uma, ora ocorre outra, todavia, como a variação não é aleatória, cumpre ao lingüista variacionista definir o *envelope de variação* (Tarallo, 2001, p.36), ou seja, descrever detalhadamente as variantes concorrentes e levantar os contextos favorecedores de uma ou outra variante.

Entendemos por *variantes* diversas maneiras de se dizer a mesma coisa (Tarallo, 2001). Assim, ao estudar a variação, a sociolingüística procura investigar como se dá a variação, quais as variantes utilizadas em determinados extratos sociais e se há mudança em curso, ou seja, se determinada variante, ao entrar em conflito com outras, sobrepõe-se, passando a gozar de prestígio na comunidade.

Os sociolingüistas, ao estudarem a linguagem, têm o objetivo de encontrar regularidades em seu uso; buscam estabelecer relações entre fatores lingüísticos e sociais e, para isso, necessitam medir esses fatores, a fim de verificar o quanto cada variável contribui para a realização de uma ou outra variante de formas em competição.

A Teoria da Variação trabalha com uma metodologia capaz de ser aplicada a diversos estudos a respeito de variação lingüística. Os resultados obtidos são também interpretados à luz de diferentes modelos da teoria lingüística.

A Teoria da Variação é modelo teórico que procura descrever e analisar fenômenos variáveis presentes na fala, verificando fatores tanto de natureza lingüística como extralingüística que os condicionam e explicam o seu comportamento.

O condicionamento social da variação lingüística está relacionado a um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e à organização da comunidade de fala. Assim, fatores tais como 'classe social', 'idade', 'sexo', 'etnia', entre outros, são identificados como de natureza social.

Os fenômenos lingüísticos variáveis, além de sofrerem influência das chamadas variáveis sociais, podem também ser condicionados por contextos lingüísticos – a esses condicionamentos chamamos variáveis estruturais ou lingüísticas.

Salientamos a relevância do controle tanto de variáveis sociais, como de variáveis estruturais, a fim de alcançar-se o objetivo de identificarmos a sistematicidade existente na variação lingüística.

Variáveis sociais⁴, portanto, são aquelas que dizem respeito a fenômenos de natureza extralingüística, tais como escolaridade, idade, sexo, etnia entre outras. Essas são de fundamental importância em estudos sociolingüísticos, pois revelam seu papel na preservação ou mudança de determinados fenômenos lingüísticos.

A heterogeneidade lingüística provém em grande parte de diversidades sociais, sejam elas etárias, econômicas, culturais etc. Para estudarmos a diversidade da linguagem, necessitamos de uma amostra da população a ser investigada. A literatura sociolingüística costuma referir-se à seleção aleatória dos falantes, porém leva-se em consideração uma estratificação, ou seja, uma amostra estratificada. Essa amostra constitui-se de indivíduos com as mesmas características sociais e, quanto mais fatores extralingüísticos estiverem envolvidos em uma pesquisa, mais informantes serão necessários para a sua realização. Uma amostra estratificada facilita o estudo e torna os dados mais confiáveis, no sentido de conseguirmos caracterizar que tipo de variação ocorre na comunidade lingüística pesquisada, quais os fatores condicionantes dessa variação e que variáveis internas e externas à língua estão influenciando o fenômeno investigado.

De acordo com Labov (1994, p. 9), *a mudança lingüística envolve uma perturbação da relação forma/significado, tal que as pessoas afetadas pela mudança já não delimitam por muito tempo o significado da mesma maneira que as outras não afetadas, pessoas mais velhas da mesma comunidade ou pessoas da mesma idade de comunidades vizinhas. O resultado é uma perda de compreensão entre dialetos e, em última instância, mútua ininteligibilidade.*

Labov (op. cit.) ressalta que seria mais fácil aprender uma língua se ela fosse estável, ou seja, se ela não estivesse em constante mudança. O autor salienta que variação e mudança estão intimamente ligadas e que mudança implica variação, mas o contrário nem sempre verdadeiro. As variações e as mudanças em uma determinada língua, num momento específico da história,

⁴ Para maiores informações sobre variáveis sociais investigadas na presente pesquisa, ver capítulo 3.

em um grupo de falantes, podem ser diferentes em relação a outros grupos, assim, também, dentro de um mesmo grupo pode haver diferenças. Essas diferenças devem-se a muitos fatores, tais como região, classe social, escolarização, faixa etária, sexo, entre outros.

Ao estudar mudanças lingüísticas, é preciso determinar o início da variação (origem) – em que ainda não ocorreu a mudança, ou seja, algumas pessoas passam a usar formas novas – a sua expansão – momento em que grande parte da comunidade passa a adotar essa forma – e a fase em que essa variação desaparece, ou seja, eliminam-se as formas concorrentes e uma forma se fixa. É neste momento que surge a mudança. Para Labov (1972, p. 277), *somente podemos dizer que a língua tenha mudado quando um grupo de falantes passa a usar um padrão diferente para comunicar-se com outros.*

Neste capítulo, apresentamos bases da Fonologia Prosódica, abordando a proposta de Nespor & Vogel (1986) e mostrando as unidades que formam a hierarquia prosódica de acordo com essas autoras, bem como achamos necessário abordar propostas a favor e contra a existência da categoria “Grupo Clítico” na hierarquia prosódica em virtude de clíticos serem o foco desta pesquisa. Também revisamos o conceito de degeminação e ditongação, bem como apresentamos conceitos basilares de variação e mudança, que são de fundamental importância para a presente pesquisa, pois analisam-se aqui dados de fala, seguindo os preceitos da Sociolingüística Variacionista.

3. METODOLOGIA

O presente capítulo visa à explicitação da metodologia empregada na pesquisa: apresenta os sujeitos da investigação, o banco de dados de onde foram extraídos os *corpora*, a forma de transcrição e codificação, os *corpora* da pesquisa, a definição das variáveis e o método de análise.

3.1 Os sujeitos

Os dados que compõem este trabalho foram levantados das gravações realizadas pelo Projeto Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA), sediado na Universidade Católica de Pelotas.

As gravações foram feitas por bolsistas de iniciação científica e por professores responsáveis pelo Projeto, respeitando algumas condições:

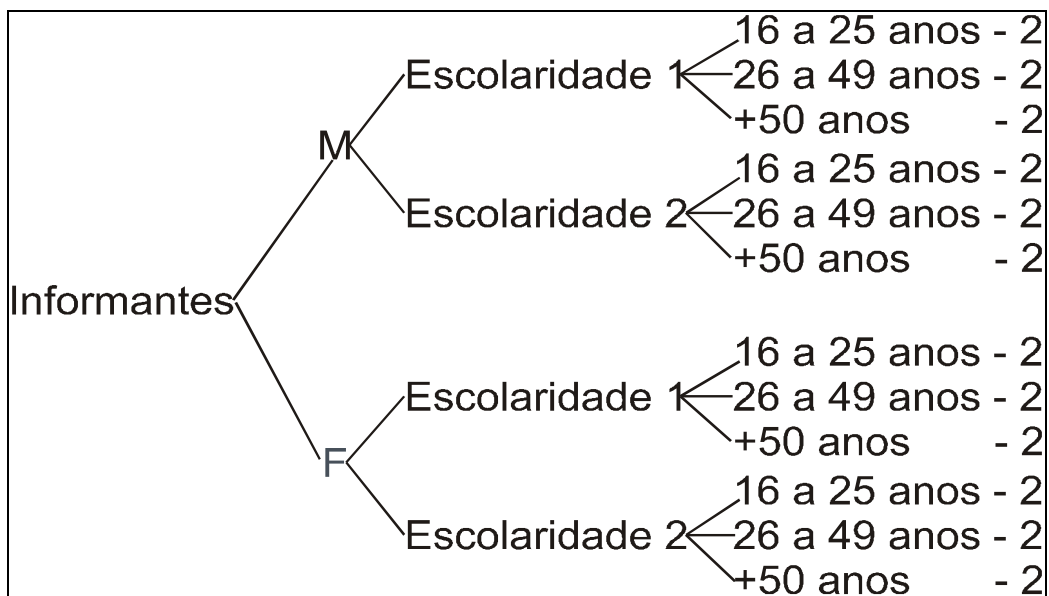
- o informante não poderia saber que o objetivo do pesquisador, ao gravá-lo, era estudar a língua em uso da comunidade-alvo;
- somente poderiam ser gravados informantes que tivessem nascido na comunidade pesquisada ou que a ela tivessem chegado até os 5 ou 6 anos de idade, período em que começa a alfabetização, ou pessoas que morassem pelo menos 1/3 de sua vida na comunidade em questão;
- os entrevistados deveriam ser filhos de brasileiros natos;
- os informantes deveriam ter mais de 16 anos, dividindo-se em duas escolaridades: escolaridade 1 (indivíduos analfabetos ou que tivessem cursado, no máximo, a 5ª série do Ensino Fundamental) e escolaridade 2 (indivíduos que estivessem cursando o 1º ano do Ensino Médio (sem limite).

Os sujeitos que constituíram os *corpora* da presente pesquisa foram 24 moradores da cidade de Bagé. Chegou-se a esse número de informantes através da combinação de fatores extralinguísticos definidos pelo próprio BDS

PAMPA, ou seja, faixa etária (16 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolarização (como explicada anteriormente). Dessa combinação multiplicam-se os números de fatores de cada variável e resultam 12 informantes, sendo que, tomando-se 2 informantes em cada célula, há a totalização de 24 informantes, ou seja, $3 \times 2 \times 2 \times 2 = 24$.

Da combinação dos fatores extralingüísticos obtém-se, portanto, a configuração mostrada no Quadro 1.

Quadro 1: Especificação dos fatores extralingüísticos controlados na presente pesquisa.



Como os *corpora* foram retirados de um Banco de Dados, não foi preciso fazerem-se gravações para esta pesquisa. Os dados foram ouvidos e transcritos foneticamente, de acordo com o IPA – Alfabeto Fonético Internacional.

3.2 Banco de Dados BDS PAMPA

O Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense - BDS PAMPA -, de onde foram retirados os *corpora* desta pesquisa, é um banco de dados que vem sendo desenvolvido desde o primeiro semestre de 1998 e tem por finalidade coletar dados sociolingüísticos do português falado na fronteira e na campanha sul-rio-grandense. Em um trabalho integrado, a Universidade Católica de Pelotas (UCPel), através dos responsáveis Prof. Dr. Paulino Vandresen, Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Prof. Dr. Jorge Walter da Rocha Espiga, e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) , tendo como responsáveis o Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral e Prof. Ms. Paulo Ricardo Borges, pesquisam as variedades dialetais do português do sul do Brasil.

O BDS PAMPA contém gravação de dados de fala *in natura* e tem como *corpus* dados lingüísticos de moradores de cidades situadas até 200 Km da linha fronteira sul-rio-grandense com o Uruguai e com a Argentina. A seguir indicamos as cidades que fazem parte do *corpus* do BDS PAMPA:

Litoral: Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande, Pelotas, Tavares, Jaguarão e Arroio Grande.

Serra do Sudeste: Piratini, Encruzilhada do Sul, Aceguá e Bagé.

Pampa: Santana do Livramento, Rosário do Sul, São Vicente do Sul, Quaraí, Alegrete, São Francisco de Assis, Barra do Quaraí, Uruguiana, Itaqui e São Borja.

O *corpus* do BDS PAMPA ainda contará com gravações na Região Noroeste do Estado, que compreende as cidades São Luiz Gonzaga, Porto Lucena, Santo Ângelo, Santa Rosa, Palmeira das Missões, Três Passos, Tenente Portela e Três de Maio.

O banco de dados contém 24 entrevistas coletadas por cidade, sendo que, em Pelotas, devido ao grande número de habitantes, há 48 gravações. O BDS PAMPA é formado, também, por fichas de catalogação dos indivíduos, transcrição ortográfica dos dados lingüísticos de cada cidade, digitação, digitalização e armazenamento de todos os dados em CD ROM.

3.3 Transcrição e codificação dos dados da pesquisa

Os dados analisados na presente pesquisa constituíram dois *corpora*: um *corpus* foi formado pelas produções lingüísticas dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” antecedendo formas verbais e o outro *corpus* foi formado pelas produções de vocábulos lexicais com a vogal /e/ em posição átona final⁵.

Para proceder à organização dos dados para o presente trabalho, primeiramente foram observadas todas as produções realizadas por cada um dos sujeitos da pesquisa, tendo sido transcritos todos os casos em que os informantes utilizavam os clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” e seu hospedeiro, nesse caso, o verbo, bem como ocorrências de palavras independentes com /e/ átono final.

Tendo em vista que o foco do presente trabalho é o estudo do comportamento da vogal média alta dos clíticos acima referidos e que a análise da vogal /e/ em posição átona final de palavras prosódicas da língua foi realizada apenas para oferecer condições mais consistentes para o estabelecimento de conclusões sobre a vogal dos clíticos, optamos por desconsiderar, dentre os vocábulos lexicais da língua concluídos pela vogal /e/ átona, o advérbio *hoje*, todos os advérbios terminados em *-mente* e a expressão *a gente*. Tal decisão foi tomada em virtude da grande incidência dessas formas, o que poderia desfigurar os resultados relativos ao comportamento da vogal coronal média alta em final átono de palavra prosódica.

Somente foram computadas as palavras em que a vogal /e/ era o elemento terminal, o que significa que palavras terminadas com sílabas com coda foram descartadas⁶.

Após a transcrição fonética dos dados que apresentavam os fenômenos estudados, procedemos a uma revisão cuidadosa dos dois *corpora*. Nos casos em que houve dúvidas, ouvimos novamente as gravações e fizemos uma nova transcrição dos fatos lingüísticos observados. Alguns dados foram

⁵ O segundo *corpus* desta pesquisa, aqui chamado de “*corpus* de vocábulos lexicais”, é constituído por palavras de conteúdo, ou seja, palavras prosódicas independentes, em oposição ao “*corpus* de clíticos”, já que clíticos não são palavras fonológicas independentes.

⁶ Optou-se por não controlarmos sílabas com coda em final de palavra em virtude de sua incidência baixa neste *corpus* e nos dados de Vieira (1994).

retirados dos *corpora*, em virtude da impossibilidade de certificação plena de que o informante havia produzido a variante x ou y. Além disso, encontramos 10 casos em que havia pausa entre o clítico e o hospedeiro e, por constituírem um número muito pequeno de ocorrências, não foi possível considerar a pausa como uma variável relevante para a pesquisa e, por isso, retiramos essas ocorrências do *corpus* analisado.

Terminada a transcrição dos dados, foi necessário codificá-los, atribuindo símbolos especiais a cada variante de cada variável que foi levada em consideração na pesquisa. Ao final dessa etapa, procedeu-se à análise de variável com o uso do Sistema VARBRUL, que será detalhadamente explicado na seção 3.5 do presente capítulo.

Encontramos, no *corpus* constituído pelos clíticos, um total de 1.141 ocorrências dos clíticos “me”, “te”, “se” e “lhe” com seu hospedeiro. Desses, em 466 casos houve a elevação da postônica final “e”. Em 675 casos, os informantes não elevaram a vogal átona final. Na amostra relativa à vogal átona final /e/ de vocábulos lexicais, encontramos 1.325 dados, sendo que em 1.303 houve a aplicação da regra de elevação da vogal média alta /e/ para a vogal alta [i].

3.4 Os *corpora* da pesquisa

O objetivo desta pesquisa é o estudo da vogal dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” em posição proclítica, porém, para fazermos uma análise mais confiável sobre o comportamento das vogais dos clíticos, realizamos também uma análise da vogal /e/ átona final de vocábulos lexicais⁷ na produção lingüística dos mesmos informantes da presente investigação, conforme já foi referido na seção precedente. A formação desses dois *corpora* constituídos de vogais átonas teve a finalidade de possibilitar a análise comparativa do comportamento das vogais dos clíticos com as vogais finais de palavra prosódica.

Apresentamos, no item 3.4.2, a variável dependente controlada na pesquisa. No item 3.4.3, mostramos as variáveis independentes controladas

⁷ A expressão “vocábulos lexicais”, no presente trabalho, equivale a ‘palavras de conteúdo’.

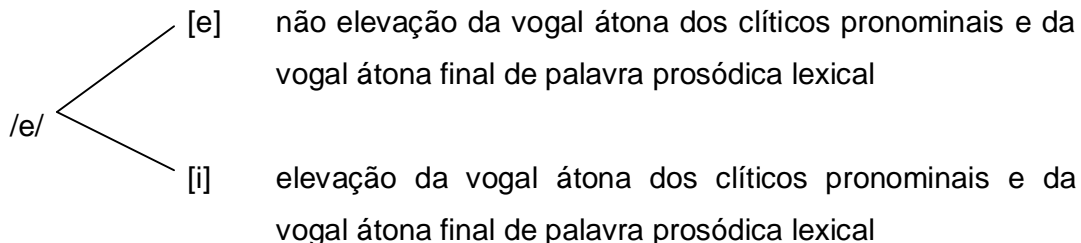
nos dois *corpora* e, em 3.4.4 e 3.4.5, as variáveis específicas controladas na investigação de cada *corpus*.

3.4.1 Definição das variáveis

As variáveis utilizadas na análise dos dados da presente pesquisa foram classificadas em dois tipos: dependentes e independentes, sendo que estas foram subdivididas em lingüísticas e extralingüísticas.

3.4.2 Variável dependente dos dois *corpora*

A variável dependente é a elevação⁸ ou não da vogal átona final /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” e de palavras prosódicas da língua. Essa variável foi estabelecida, a fim de identificar o comportamento das vogais dos clíticos pronominais no sul do Brasil, bem como das vogais átonas finais de palavras da língua.



3.4.3 Variáveis independentes controladas nos dois *corpora*

As variáveis independentes foram definidas, levando-se em consideração algumas variáveis relevantes nas pesquisas de Amaral (2002), Bisol (2002) e Vieira (2002), cujo foco foi o comportamento de vogais no sistema do português.

⁸ A elevação da vogal átona final é tratada, na literatura, desde Câmara Jr. ([1970] 2002), como neutralização da oposição entre a vogal média alta /e/ e a vogal alta /i/.

3.4.3.1 Variáveis independentes lingüísticas⁹

Controlamos, nesta pesquisa, as seguintes variáveis lingüísticas.

1. Contexto Seguinte:

1.1 Consoante *Onset* da Sílabla Seguinte quanto a Ponto de Articulação

labial	lhe [f]alando
coronal	me [d]á
dorsal	me [k]onvidou
Não pertinente ¹⁰	me agarrou

1.2 Vogal da Sílabla Seguinte quanto à Altura^{11 13 14}

alta	me l[i]gou
média alta	te c[o]loca
média baixa	me c[]rta
baixa	te m[a]ta

1.3 Tipo de Segmento Vocálico¹⁵ da Sílabla Seguinte¹²

[i]	lhe d[i]zer
[e]	me d[e]dico
[]	me d[]ram
[]	me b[]ta

⁹ Os exemplos que aparecem no item 3.4.3.1 referem-se ao *corpus* formado por clíticos.

¹⁰ O fator 'não pertinente' é aplicado aos casos que não se enquadram nos outros fatores da variável.

¹¹ . ¹² Quando na sílabla subseqüente existia um ditongo, consideramos como vogal seguinte, nesse caso, a vogal base do ditongo, por isso não consideramos [j] e [w] como variáveis no trabalho – ressaltamos que praticamente todos os casos de ditongo, nesse contexto, eram do tipo "decrecente".

¹³ Optou-se por controlar a altura da vogal seguinte em virtude da comprovação, em muitos trabalhos sobre vogais do português (Bisol, 1981; Amaral, 1996), da influência da assimilação regressiva da altura de vogais em palavras da língua.

¹⁴ Embora possa haver sobreposição entre as variáveis 1.2 e 1.3, a manutenção de ambas foi relevante para o presente trabalho. Ressaltamos também que as numerosas rodadas do VARBRUL a que os dados foram submetidos comprovaram que a manutenção dessas duas variáveis não implicou alteração nos resultados obtidos.

¹⁵ Apesar de a variável anterior (item 1.2) já controlar a altura da vogal seguinte, optamos por incluir a variável lingüística "tipo de segmento vocálico" a fim de verificar se especificamente a vogal alta [i] da sílabla seguinte mostraria força condicionadora para a elevação da vogal precedente, em razão do fenômeno de harmonia vocálica.

[o]	me m[o]lhou
[u]	se c[u]re
[a]	te f[a]la

1.4 Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro¹⁶

[i]	me [i]nteressa
[e]	me [e]vita
[]	me []ra
[]	me []lha
[o]	se [o]rganizar
[u]	se [u]ne
[a]	se [a]limentar
não pertinente	

2 Tipo de Juntura

ditongação	s[ja]perfeioou
degeminação	t[ê]nsinar
hiato	m[ea]mou
com consoante seguinte	m[ek]onvidou

3.4.3.2 Variáveis independentes extralingüísticas

Os grupos de fatores extralingüísticos considerados neste estudo foram as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, conforme sua categorização no BDS PAMPA, que foi o banco de dados do qual retiramos o *corpus* da presente pesquisa (ver Quadro 1 – seção 3.1).

3.4.3.2.1 Sexo

¹⁶ Optou-se por controlar essa variável, a fim de avaliar o tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro que favorece ou não a elevação da vogal átona /e/ e a aplicação de processos de sândi. Portanto, somente em casos de hiato a vogal da borda esquerda do hospedeiro coincide com a vogal da sílaba seguinte quanto à altura e com o tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte categorizados nas variáveis 1.2 e 1.3.

A variável sexo foi aqui considerada, uma vez que, de acordo com a literatura sociolingüística, se trata de fator importante nos processos de variação e mudança.

Muitas pesquisas têm utilizado essa variável com o intuito de verificar se é um fator relevante nos estudos variacionistas. Amaral (1996), analisando o abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha, incluiu a variável sexo porque queria verificar se os diferentes papéis de homens e mulheres na sociedade poderiam mostrar diferença de uso da fala, mas seus dados mostraram que essa variável era pouco importante para o fenômeno estudado. Tanto os homens quanto as mulheres, na investigação de Amaral (1996), apresentaram um peso relativo neutro, o que o levou a concluir que esse fator não influencia no processo de abaixamento de /i/ e /u/ no *corpus* estudado.

De acordo com Paiva (1992), essa variável extralingüística não pode ser considerada isoladamente, pois alguns estudos apontam as mulheres como inovadoras, entretanto outros indicam que a inovação lingüística se dá através da liderança masculina. Para a autora, o fator sexo *pode atuar de forma diferente na presença de outros* [fatores], *como classe social, estilo de fala e idade* (op. cit., p.71).

À variável sexo foram atribuídos os seguintes valores:

Masculino

Feminino

3.4.3.2.2 Faixa Etária

A variável faixa etária foi dividida em três grupos: 16 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos.

a-) 16-25 anos: essa faixa etária é composta por adolescentes e adultos jovens, cuja marca maior, comumente, é a insatisfação generalizada em relação aos padrões estabelecidos. Essa característica tenderia a fazer com que usassem formas lingüísticas inovadoras na comunidade.

b-) 26-49 anos: essa faixa etária é composta por indivíduos que, de maneira geral, estão plenamente inseridos no mercado de trabalho, o que os levaria ao uso das formas lingüísticas prestigiadas¹⁷ na comunidade.

c-) mais de 50 anos: nessa faixa etária estão incluídos os indivíduos plenamente integrados ao mercado de trabalho ou já aposentados. As pessoas de faixa etária mais alta tendem a ser mais conservadoras que as mais jovens em vários aspectos sociais, inclusive na linguagem.

3.4.3.2.3 Escolaridade

Das variáveis sociais, o grau de escolaridade é uma das mais trabalhadas nos estudos variacionistas e tem demonstrado ser altamente relevante na maioria das pesquisas.

Sassi (1997), investigando a palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar, concluiu que os falantes com menos escolarização favorecem a ocorrência do fenômeno estudado (PR .60), enquanto os indivíduos mais escolarizados se mostram desfavorecedores do palatalização (PR .43).

Nosso intuito foi verificar até que ponto a maior ou menor escolaridade do falante é um fator que contribui para o fenômeno aqui estudado.

Trabalhamos com 2 níveis de escolaridade:

Escolaridade 1:

- indivíduos analfabetos ou que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série.

Escolaridade 2:

- indivíduos que estejam cursando a partir do 1º ano do Ensino Médio (sem limite).

¹⁷ *As formas de prestígio ocorrem em contextos mais formais, mais “nobres”, entre interlocutores que ocupam posição mais elevada na escala social. A forma de prestígio tende a ser validada na literatura local ou nacional e está codificada nas gramáticas escolares, que a transformam em norma a ser ensinada e aprendida. Podemos dizer que na escola o professor tem como funções básicas descrever, prescrever e legitimar as formas de prestígio* (VOTRE, 1992, p.75).

3.4.4 Variáveis específicas referentes ao *corpus* dos Clíticos Pronominais

3.4.4.1 Contexto Precedente

[m]	[m]e fazer
[t] ¹⁸	[t]e ajudar
[s]	[s]e realizarem
[]	[]e traindo

3.4.4.2 Distância (do Clítico) da Sílabas Tônica do Hospedeiro¹⁹

uma sílaba	me <u>sinto</u>
duas sílabas	te fal <u>ou</u>
três sílabas	me prov <u>ocaram</u>
quatro sílabas	se embelez <u>aram</u>

3.4.5 Variáveis Específicas referentes ao *corpus* dos Vocábulos Lexicais do Português Brasileiro

3.4.5.1 Contexto Precedente

3.4.5.1.1 Consoante *Onset* quanto ao Modo de Articulação

plosiva	clu[b]e
fricativa	peloten[s]e
africada	realida[d]e
nasal	no[m]e
líquida	fa[l]e

3.4.5.1.2 Consoante *Onset* quanto ao Ponto de Articulação

¹⁸ Quando ocorre a elevação da vogal média alta coronal e sua manifestação fonética se dá como [i] há, conseqüentemente, a palatalização da plosiva coronal. Como essa palatalização no clítico é dependente da elevação, o [t] não foi colocado como variável no contexto precedente.

¹⁹ Considera-se a distância de uma sílaba quando a sílaba tônica do hospedeiro vem imediatamente após o clítico e duas sílabas quando a sílaba tônica do hospedeiro tem uma sílaba intermediária em relação ao clítico e assim sucessivamente.

labial	ti[m]e
coronal	bron[z]e
dorsal	almana[k]e

Apresentamos, a seguir, um quadro ilustrativo de variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas referentes aos *corpora* desta pesquisa.

Quadro2:Quadro geral de variáveis independentes referentes à vogal átona de clíticos e à vogal átona final de vocábulos lexicais

VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A VOGAL ÁTONA DE CLÍTICOS	VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A VOGAL ÁTONA FINAL DE VOCÁBULOS LEXICAIS
<p>Variáveis Independentes Lingüísticas</p> <p><i>Contexto Precedente</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ [m], [t], [s] e [] 	<p>Variáveis Independentes Lingüísticas</p> <p><i>Contexto Precedente</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Consoante <i>Onset</i> quanto ao Modo de Articulação ➤ Consoante <i>Onset</i> quanto ao Ponto de Articulação
<p><i>Contexto Seguinte</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Consoante <i>Onset</i> da Sílab Seguinte quanto ao Ponto de Articulação ➤ Vogal da Sílab Seguinte ao Clítico quanto à Altura ➤ Tipo de Segmento Vocálico da Sílab Seguinte ao Clítico ➤ Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro ➤ Distância (do Clítico) da Sílab Tônica do Hospedeiro ➤ Tipo de Juntura <p>Variáveis Independentes Extralingüísticas</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Sexo ➤ Faixa Etária ➤ Escolaridade 	<p><i>Contexto Seguinte</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Consoante <i>Onset</i> da Sílab Seguinte quanto ao Ponto de Articulação ➤ Vogal da Sílab Seguinte quanto à Altura ➤ Tipo de Segmento Vocálico da Sílab Seguinte ➤ Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Vocábulo Seguinte ➤ _____ ➤ Tipo de Juntura <p>Variáveis Independentes Extralingüísticas</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Sexo ➤ Faixa Etária ➤ Escolaridade

3.5 Método de análise

3.5.1 Descrição do Sistema VARBRUL

O Sistema VARBRUL foi desenvolvido por Cedergren e Sankoff, em 1974, para *implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis* (SCHERRE, 1993, p.1). Esse sistema pode dar suporte, portanto, à avaliação quantitativa de dados lingüísticos que são analisados de acordo com a *Teoria da Variação*, de William Labov.

Há inúmeras pesquisas realizadas sobre o Português falado no Sul do Brasil com o uso do Pacote VARBRUL, abordando diferentes componentes da língua como: fenômenos fonológicos (Exemplos: Amaral 1996; Sassi 1997; Espiga 2001; Bisol 2002; Brescancini 2002; Amaral 2002; Vieira 2002; Brisolara, Matzenauer e Vandresen 2002), concordância verbal (Exemplo: Vandresen e Brisolara 2000), entre muitos outros.

Para que o programa seja utilizado, é necessário que o pesquisador defina seu objeto de pesquisa e que este objeto tenha variação, caso contrário, o programa não funciona.

Após a definição do objeto de pesquisa, é necessário que sejam caracterizadas a variável dependente e as independentes. No primeiro tipo de variáveis, encontra-se a delimitação precisa do fenômeno lingüístico variável estudado, o que envolve o levantamento de um conjunto de variantes que ele possa apresentar. No segundo tipo, encontram-se as variáveis independentes lingüísticas (os fatores fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais) e as variáveis independentes sociais, ou seja, os fatores inerentes ao indivíduo (como sexo, idade, etnia), os sócio-geográficos (como região, escolarização, renda, profissão, classe social).

É preciso que os dados que farão parte do *corpus* da pesquisa sejam selecionados, transcritos, codificados e, após, submetidos aos programas do Pacote VARBRUL adequados para serem obtidos os resultados estatísticos.

Diante da obtenção dos resultados, cabe ao pesquisador interpretá-los à luz das hipóteses levantadas, confirmando-as ou rejeitando-as, com base em um modelo teórico.

Pode-se dizer que, ao Sistema VARBRUL, *cabe identificar os dados recebidos e produzir resultados estatísticos para os quais foram preparados* (SCHERRE, 1993, p.1) e, ao pesquisador, cabe a interpretação dos dados estatísticos, a descrição lingüística dos resultados e a confirmação ou a rejeição das hipóteses que deram origem à pesquisa.

3.5.2 Os programas do Pacote VARBRUL

Os programas que compõem o Pacote VARBRUL, usados para a realização da presente pesquisa, foram os seguintes: CHECKTOK, READTOK, MAKE3000, VARB2000, CROSSTAB e TSORT.

Para a análise estatística, criamos um arquivo no qual armazenamos os dados da pesquisa e seus códigos (arq1.dat), um arquivo de condições (arq1.con), que apresenta o número de variáveis que foram trabalhadas e que *informa ao programa como quer seus dados analisados, ou seja, quais grupos de fatores devem ser considerados, quais fatores devem ser reunidos em um único, quais grupos devem ser cruzados, etc* (BRESCANCINI, 2002, p. 27). Além disso, criamos também um arquivo de especificações (arq1.esp), o qual contém os fatores das variáveis dependentes e independentes.

Pela importância de que se revestem os programas que compõem o VARBRUL, apresentamos uma sucinta caracterização daqueles aqui utilizados.

CHECKTOK: para que este programa possa ser utilizado, é preciso que sejam previamente preparados: o arquivo de dados e o arquivo de especificações. O arquivo de dados possui as ocorrências lingüísticas que serão analisadas no estudo em questão. O arquivo de especificações constitui-se de uma lista com todos os símbolos que representam os fatores das variáveis dependentes e independentes. O programa CHECKTOK recebe estes 2 arquivos e compara os símbolos do arquivo de dados com o arquivo de especificações. Se os arquivos estiverem em desacordo, ou seja, se no arquivo de especificações aparecer, por exemplo, o símbolo a, b ou c, para a segunda coluna e o arquivo de dados contiver outro símbolo, o programa cria um arquivo chamado CHECKTOK.ERR, que indica que há inadequações nos dados, isto é, que o símbolo que aparece no arquivo de dados não corresponde ao que está determinado no arquivo de especificações. Após

corrigir os erros, o pesquisador deve rodar novamente o programa para criar o arquivo corrigido e passar para o próximo programa.

READTOK: este programa lê o arquivo enviado pelo CHECKTOK e escreve os dados em um arquivo de ocorrências, eliminando as informações não relacionadas aos símbolos necessários para a rodada do programa, isto é, exemplos de palavras, comentários etc. Se o programa não apresentar erro, passaremos para a rodada do MAKE3000, caso contrário, o programa criará um arquivo READTOK.ERR e o pesquisador terá de corrigir os erros e rodar o programa novamente.

MAKE3000: é o último programa que prepara os dados. Para isso, é preciso que, além do arquivo de ocorrências, o pesquisador crie um arquivo de condições. Através desse arquivo, o pesquisador comunica-se com o programa, informando-lhe como quer que sejam analisados seus dados.

VARB2000: é um programa que trabalha com uma análise binária. Este programa mostrará dados estatísticos: percentuais, pesos relativos e as variáveis selecionadas por ordem de relevância. Também pode descartar algumas variáveis não consideradas significativas para o trabalho.

CROSSTAB: o CROSSTAB é um programa que faz cruzamento de variáveis. Este programa cruza percentagens atribuídas a dois grupos de fatores. O CROSSTAB recebe como entrada um arquivo de células gerado pelo MAKECELL (ou MAKE3000) e produz um arquivo de saída (arq.cro), o qual mostra os cruzamentos dos grupos de fatores. Para Scherre (1992, p.22), [este programa] *é de grande valia quando queremos ver com clareza possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores.*

TSORT: este programa recebe como entrada o arquivo de dados ou o arquivo corrigido. O TSORT efetua a procura de uma ou mais codificações específicas na cadeia de codificações, mostrando apenas os dados em que o pesquisador tem interesse. Para visualizar esses dados, o programa cria um arquivo (arq.sor). Esse tipo de busca permite que o pesquisador revise dados e verifique se há erros. Com o TSORT podemos procurar exemplos de casos estudados (se colocarmos comentários no arquivo de dados) e, também, resolver problemas de codificação.

A partir dessa caracterização, seguindo BRESCANCINI (2002), os Programas utilizados do Pacote VARBRUL no presente trabalho podem ser representado conforme o esquema mostrado no Quadro 3:

Quadro 3: Síntese do funcionamento do Programa VARBRUL

Arquivos <i>Input</i> para os Programas	Programas	Arquivos <i>Output</i> dos Programas
Arquivos de Dados Arquivo de Especificações	CHECKTOK	Arquivo Corrigido
Arquivo Corrigido	READTOK	Arquivo de Ocorrências
Arquivo de Ocorrências Arquivo de Condições	MAKE3000	Arquivo de Células
Arquivo de Células	VARB2000	Arquivo Final (arq.var)

Os programas CROSSTAB e TSORT são considerados auxiliares, ou seja, de apoio, pois não são necessários para a realização de medições estatísticas. Esses programas são importantes para o cruzamento de variáveis (CROSSTAB) e para a busca de cadeias específicas no arquivo de dados.

O uso do programa estatístico VARBRUL implica o trabalho com índices, como “hipótese nula”, “hipótese experimental”, “significância”, “log likelihood” e “input”. A fim de realizarmos uma análise adequada dos dados da pesquisa, caracterizamos, de forma resumida, cada um desses índices.

Em análises variacionistas, trabalhamos com duas hipóteses: uma experimental e outra nula. A hipótese experimental indica que, ao realizarmos uma pesquisa, estabelecemos hipóteses a respeito das variáveis incluídas no trabalho, isto é, acreditamos que determinados fatores examinados *exercem um efeito sistemático real no processo de escolha e os valores observados dão conta da variação que está sendo analisada* (Brescancini, 2002, p. 34).

A hipótese nula indica que nenhum dos fatores examinados na pesquisa exerce qualquer efeito sistemático, ou seja, a variação que ocorre nos dados é aleatória. Ao rejeitarmos a hipótese nula, garantimos que as variáveis selecionadas pelo programa estatístico sejam relevantes, porém há a possibilidade de cometermos erros. É importante verificar qual o risco que

corremos ao rejeitar uma hipótese que pode ser verdadeira. O nível de significância é justamente o responsável pela definição desse risco corrido ao rejeitarmos a hipótese nula.

A análise estatística feita pelo VARBRUL trabalha com níveis de significância (*significance*). Para este tipo de análise, a significância ideal tem que ser menor ou igual a .005, o que implica dizer que, para uma variável ser considerada relevante para um fenômeno lingüístico pesquisado, é preciso que tenha uma margem de erro de, no máximo, 5%. Se em uma análise probabilística obtivermos uma significância maior do que .005, isso quer dizer que a margem de erro será maior do que 5%, isto é, que as variáveis estudadas podem não ser as responsáveis pelo fenômeno investigado.

O VARBRUL também apresenta, em suas análises estatísticas, o *input*, que é a *freqüência global corrigida*, ou seja, é a *probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro* (Lemle & Naro, 1997, p. 26-27, apud Brescancini, 2002, p. 36). De acordo com Brescancini²⁰ (2003), o *input* deve estar próximo da porcentagem de aplicação total do fenômeno estudado. Isso significa que *não* há problemas graves referentes à distribuição de dados pelos fatores das variáveis ou de subcategorização.

O programa estatístico utiliza o índice intitulado *log likelihood*, que é um valor negativo e que informa a verossimilhança dos dados. O VARBRUL considera como melhor valor aquele mais próximo a 0 (zero) no *stepup*.

Este capítulo tratou dos procedimentos metodológicos empregados na presente pesquisa, bem como da caracterização do programa estatístico VARBRUL e da linguagem matemática utilizada por este sistema operacional.

²⁰ Comunicação pessoal com a autora, via e-mail, em 30 de junho de 2003.

4. DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA

Neste capítulo descrevemos os dados da presente pesquisa, os quais foram submetidos ao Programa Estatístico VARBRUL. Além de apresentarmos descrição dos resultados apresentados pelas variáveis controladas na pesquisa, confrontamos o comportamento das variáveis independentes com relação à variável dependente.

Incluímos, nesta seção, o número de casos, as percentagens e o peso relativo de cada fator favorecedor ou não da variável dependente. Apresentamos as variáveis selecionadas pelo VARBRUL, em ordem de relevância, no que se refere à elevação das vogais átonas finais do português, nos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” e em palavras prosódicas da língua presentes nos *corpora* estudados. Por fim, confrontamos algumas variáveis selecionadas pelo VARBRUL.

Apresentamos, a seguir, os resultados relativos ao *corpus* constituído por clíticos pronominais do PB.

4.1 Resultado do *corpus* formado por Clíticos Pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”

Analisamos um total de 1.141 ocorrências dos clíticos “me”, “te”, “se” e “lhe”, com o verbo como seu hospedeiro. Das 10 variáveis independentes utilizadas, para o *corpus* dos clíticos, na presente pesquisa, o Sistema VARBRUL selecionou, numa primeira rodada estatística, 6 (seis) variáveis, as quais são aqui apresentadas por ordem de relevância estatística: a) tipo de junção, b) faixa etária do informante, c) tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro, d) sexo, e) contexto precedente e f) tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte. As outras variáveis foram eliminadas pelo Programa estatístico.

De acordo com esse sistema operacional, as melhores análises probabilísticas são aquelas em que as variáveis selecionadas no *stepup* não são eliminadas no *stepdown* e em que as eliminadas no *stepdown* não são selecionadas pelo *stepup*. Isso significa dizer que as variáveis selecionadas

como relevantes no *stepup* são condicionadoras do fenômeno estudado e as eliminadas no *stepdown* não são relevantes para o estudo em questão.

No presente trabalho, as 6 variáveis escolhidas pelo programa estatístico VARBRUL foram selecionadas no *stepup* e não foram eliminadas no *stepdown*. As outras variáveis foram todas eliminadas no *stepdown*, resultando uma configuração considerada adequada pelo programa VARBRUL.

4.1.1 Variável dependente

Para o *corpus* formado por clíticos, conforme já foi referido na seção 3.4.2, a variável dependente foi a aplicação ou não da regra de elevação da vogal átona final /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe” na cidade de Bagé.

4.1.2 Resultados obtidos do cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes

Nesta seção, confrontamos a variável dependente com as variáveis independentes. Nas tabelas a seguir, apresentamos as variáveis selecionadas, na ordem de relevância, pelo Sistema VARBRUL.

4.1.2.1 Variável independente lingüística “Tipo de Juntura”

Tabela 1: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Juntura”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Com consoante seguinte	216/844	26%	.26
Hiato	6/36	17%	.07
Degeminação	104/119	87%	.85
Ditongação	140/142	99%	1.00
Total	466/1.141	41%	
Significância	.003		
Input	.52		

Apresentamos, em (29), exemplos de realizações lingüísticas pertencentes ao *corpus* da pesquisa que mostram os tipos de junção.

(29)

Exemplos:

- com consoante seguinte:
me conheceu m[e]conheceu ~ m[i] conheceu
- com hiato: *me amou* m[ea]mou
- degeminação: *te ensinar* t[ẽ]nsinar
- ditongação: *me amou* m[ja]mou

Na Tabela 1, podemos observar que os tipos de junção considerados relevantes pelo VARBRUL foram os processos de sândi, ou seja, a degeminação (.85) e a ditongação (1.00). Esses processos mostraram-se altamente favorecedores da elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais utilizados neste estudo.

A Tabela 1 também mostra que a elevação da vogal /e/ do clítico é desfavorecida nos casos em que o clítico vem seguido de uma consoante (.26) ou constitui um hiato (.07) com a vogal inicial do hospedeiro. Em razão desse fato, achamos pertinente amalgamar as variantes *com consoante seguinte* e *com hiato*, numa segunda rodada estatística. Antes disso, descrevemos todas as variáveis selecionadas pelo VARBRUL na primeira rodada para, após, comentarmos as rodadas subseqüentes.

4.1.2.2 Variável independente extralingüística “Faixa Etária do Informante”

Tabela 2: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Faixa Etária do Informante”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
16 a 25 anos	204/364	56%	.78
26 a 49 anos	126/376	34%	.35
+ de 50 anos	136/401	34%	.37
Total	466/1.141	41%	

Significância .003

Input .52

Na Tabela 2, podemos perceber que os informantes com idade entre 16 e 25 anos aplicam significativamente a regra de elevação da vogal átona /e/ do clítico pronominal, apresentando um percentual de 56% e um peso relativo de .78, enquanto os informantes com idade entre 26 e 49 anos (.35) e os com mais de 50 anos (.37) se mostram desfavorecidos da regra.

Acreditamos que pode estar ocorrendo, na cidade de Bagé, um processo de mudança em curso, pois os informantes mais jovens estão aplicando uma regra, que não é ou não era característica dessa comunidade lingüística. Nesse sentido, os jovens mostram-se inovadores no uso da linguagem. Considerando, portanto, que não havia a regra de elevação na comunidade alvo da presente pesquisa, seu emprego pode ser considerado comportamento inovador.

É importante esclarecer que Bagé é uma cidade próxima à fronteira com país de língua espanhola, o Uruguai²¹, e que, no espanhol, não há a elevação da vogal átona final /e/. Os moradores de Bagé, ao terem contato com a comunidade espanhola, sofrem algumas influências no que se refere à linguagem. A regra de não elevação das vogais átonas finais é uma das características que esses brasileiros, os quais vivem perto da fronteira, adquirem do espanhol.

Nesta pesquisa, podemos constatar que os informantes mais jovens se revelam menos influenciados pela comunidade uruguaia. Se realmente essa influência ocorre em grande parte dessa comunidade, sendo uma de suas expressões a manutenção da vogal média átona final, poderemos dizer que há uma mudança em curso e que, talvez daqui a alguns anos ou décadas, a variante com a não elevação da vogal átona /e/ será extinta.

Em outras rodadas do Pacote VARBRUL, amalgamamos as variantes *26 a 49 anos* e *mais de 50 anos* e, também, fizemos cruzamentos de variáveis extralingüísticas. Para a próxima análise estatística da variável faixa etária do informante usamos a denominação “jovens” – informantes de 16 a 25 anos – e “adultos” – informantes com mais de 25 anos.

²¹ Bagé fica localizada a 60km da fronteira com o Uruguai e a cidade brasileira que faz limite com esse país de língua espanhola chama-se Aceguá. Esta cidade faz fronteira seca com o Uruguai.

4.1.2.3 Variável independente lingüística “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro”

Tabela 3: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
não pertinente	217/845	26%	.40
[a]	124/145	86%	.74
[i]	104/108	96%	.93
[o]	14/18	78%	.22
[e]	5/19	26%	.02
[]	1/4	25%	.51
[u]	1/2	50%	.08
Total	466/1.141	41%	

Significância .003

Input .52

Os exemplos apresentados em (30) representam as variantes pertencentes à Tabela 3.

(30)

Exemplos:

não pertinente	<i>se vestir</i>	s[i] vestir
[a]	<i>me agrada</i>	m[ja]grada
[i]	<i>me entreter</i>	m[ĩ]ntreter
[o]	<i>me olhar</i>	m[jo]lhar
[e]	<i>te ensinar</i>	t[ê]nsinar
[]	<i>me era</i>	m[j]ra
[u]	<i>se unir</i>	s[ju]nir
[]	<i>me olha</i>	m[j]lha

A Tabela 3 mostra que as vogais [a] e [i] favorecem o uso da regra de elevação da vogal átona final, enquanto [o], [e] e os casos denominados “não

pertinentes” se revelam desfavorecedores da regra em estudo, apesar de as vogais médias altas estarem em número muito menor do que os casos intitulados “não pertinentes”. Não podemos fazer afirmações a respeito da vogal média baixa [] e da vogal alta [u], pois estas encontram-se em um número muito reduzido.

A vogal / / foi retirada do *corpus* da pesquisa por apresentar apenas um caso, resultando knockout.

4.1.2.4 Variável independente extralingüística “Sexo”

Tabela 4: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Sexo”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	181/518	35%	.39
Feminino	285/623	46%	.59
Total	466/1.141	41%	

Significância .003
Input .52

A variável *Sexo* mostrou-se, no presente trabalho, relevante. As mulheres apresentaram um peso relativo (.59), o que indica que se mostram favorecedoras da regra, enquanto os homens apresentam um índice baixo (.39), indicando que o sexo masculino se mostra desfavorecedor da elevação da vogal átona /e/ do clítico.

4.1.2.5 Variável independente lingüística “Contexto Precedente”

Tabela 5: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Contexto Precedente”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
/ʎ/	1/13	8%	.02
/m/	228/584	39%	.44
/t/	50/154	32%	.42
/s/	187/390	48%	.65
Total	466/1.141	41%	

Significância .003

Input .52

Em (31), mostramos exemplos das variantes pertencentes à Tabela 4.

(31)

Exemplos:

/ /	<i>lhe dizer</i>	lh[e] dizer
/m/	<i>me falou</i>	m[e] falou
/t/	<i>te falando</i>	t[e] falando
/s/	<i>se separar</i>	s[i] separa

A Tabela 5 indica que a regra de elevação ocorre de maneira significativa nos casos em que o contexto precedente é o segmento /s/, apresentando um percentual de 48% e um peso relativo .65. O contexto /ʎ/ mostra-se desfavorecedor da regra de elevação; no entanto, não podemos fazer generalizações no que diz respeito ao /ʎ/, porque existem somente 13 casos dessa variante, enquanto, com as outras variantes, há muito mais ocorrências do clítico pronominal.

Os contextos precedentes /m/ e /t/ apresentam um peso relativo próximo (.44 e .42), o que revela que esses fonemas desfavorecem o processo de elevação da vogal átona /e/.

Em rodada estatística subsequente, amalgamos /m/ e /t/ por serem ambos [-contínuos] e, também, por apresentarem percentuais e pesos relativos próximos.

4.1.2.6 Variável independente lingüística “Tipo de Segmento Vocálico da Sílabas Seguinte”

Tabela 6: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Segmento Vocálico da Sílabas Seguinte”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
[a]	98/291	34%	.44
[i]	60/192	31%	.43
[e]	116/294	39%	.51
[o]	113/231	49%	.51
[u]	52/77	68%	.64
[ɛ]	20/35	57%	.84
[ɔ]	7/21	33%	.45
Total	466/1.141	41%	

Significância .003

Input .52

Os exemplos apresentados em (32), representam as variantes pertencentes à Tabela 6.

(32)

Exemplos:

[a]	<i>te falei</i>	t[e] f[a]lei
[i]	<i>me gripo</i>	m[ĩ]gr[i]po
[e]	<i>me dedicando</i>	m[i] d[e]dicando
[o]	<i>se tornou</i>	s[e] t[o]rnou
[u]	<i>se mudou</i>	s[i] m[u]dou
[]	<i>te leve</i>	t[]i []ve
[]	<i>se torna</i>	s[e] t[]rna

Na Tabela 6, verificamos que as vogais [u] e [] favorecem a regra de elevação (.64 e .84), enquanto que as vogais [e], [o] e apresentam peso neutro

(.51 e .51). Já as vogais [a], [i] e [] mostram-se desfavorecedoras da regra aqui estudada (.44, 43 e 45). Porém é preciso termos cuidado ao tentarmos estabelecer generalizações, porque as vogais [u], [] e [] apresentam um *corpus* pequeno, comparado ao número de ocorrências apresentados pelas outras vogais analisadas na presente pesquisa.

4.1.3. Amalgamando fatores

Nesta seção, apresentamos resultados de novas rodadas do programa estatístico, com a amalgamação de alguns fatores. Com as amalgamações feitas, o programa selecionou como relevantes as variáveis a) tipo de juntura, b) faixa etária do informante, c) tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro, d) contexto precedente, e) sexo e f) vogal da sílaba seguinte quanto à altura. As outras variáveis foram eliminadas. Apresentamos, a seguir, as tabelas relevantes que registram dados amalgamados, mas salientamos que aparece pela primeira vez apenas a variável “vogal da sílaba seguinte ao clítico quanto à altura”, pois esta ainda não havia sido selecionada pelo programa estatístico e as variáveis amalgamadas no programa VARBRUL. As outras variáveis indicadas pelo programa já foram comentadas na primeira análise estatística e, nesta rodada, os pesos relativos foram mantidos praticamente iguais.

Tabela7: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Juntura”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Sem processos de sândi	222/880	25%	.19
Degeminação	104/119	87%	.94
Ditongação	140/142	99%	1.00

Total	466/1.141	41%
Significância .009		
Input .52		

Na Tabela 7, amalgamamos as variáveis “com consoante seguinte” e “com hiato”, intitulando-as “sem processos de sândi”. Confirmamos que a vogal /e/ do clítico tende a ser elevada quando há processos de sândi. Nos casos em que não houve processos de sândi, pudemos constatar que realmente há uma tendência à preservação da vogal /e/, com peso relativo .19.

É importante lembrarmos que, na primeira rodada do VARBRUL, a significância foi de .003, o que implica que a margem de erro apresentada na primeira análise estatística foi de 3% em 100%. Já nesta rodada, a significância foi de .009, ou seja, a margem de erro foi maior do que na primeira análise de variáveis.

Tabela8: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Faixa Etária do Informante”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Jovens	204/364	56%	.78
Adultos	262/777	34%	.36
Total	466/1.141	41%	
Significância .009			
Input .52			

Na Tabela 8, foram amalgamadas as faixas etárias de 26 a 49 anos e mais de 50 anos, ficando classificadas as faixas etárias como “jovens” (16 a 25 anos) e “adultos” (mais de 25 anos).

Os jovens se mostraram, neste estudo, favorecedores da elevação da vogal átona final /e/ do clítico, conforme já havia sido referido no comentário aos resultados da Tabela 2. Esses dados indicam que falantes adultos tendem a preservar a linguagem de sua comunidade lingüística, enquanto os jovens são os que inovam a linguagem da comunidade.

Tabela9: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Contexto Precedente”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
/ /	1/13	8%	.02
/m/ e /t/	278/738	38%	.43
/s/	187/390	48%	.65
Total	466/1.141	41%	

Significância .009

Input .52

Na Tabela 9, foi feita a amalgamação dos contextos precedentes, em virtude de os fonemas /m/ e /t/ compartilharem o traço [-contínuos]. Os resultados mostraram que o contexto precedente /s/ é favorecedor da regra de elevação aqui estudada. As variantes amalgamadas apresentaram peso relativo .43, tendendo a desfavorecer a regra em estudo.

No *corpus* do trabalho, há poucos casos de / /, por isso não podemos considerá-lo como desfavorecedor da regra estudada, embora apresente peso relativo .02.

Tabela10: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Vogal da Sílabla Seguinte quanto à Altura”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
baixa	98/291	34%	.44
alta	112/269	42%	.49
média alta	229/525	43%	.51
média baixa	27/56	48%	.75
Total	466/1.141	41%	

Significância .009

Input .52

Apresentamos, em (33), exemplos pertencentes às variantes mostradas na Tabela 10.

(33)

Exemplos:

baixa	<i>te falei</i>	t[e] f[a]lei
alta	<i>me disse</i>	m[i] d[i]sse
	<i>se mudou</i>	s[i] m[u]dou
média alta	<i>te pediu</i>	t[i] p[e]diu
	<i>se tornou</i>	s[e] t[o]rnou
média baixa	<i>me der</i>	m[i] d[]r
	<i>se torna</i>	s[e] t[]rna

Na Tabela 10, verificamos que vogais baixas desfavorecem o uso da regra de elevação das vogais átonas finais (.44), já vogais altas ou médias altas apresentam peso neutro (.49 e .51), indicando que não são responsáveis pela elevação, nem pela preservação do fenômeno estudado. Como os casos em que a vogal da sílaba seguinte ao clítico é média baixa são poucos, não podemos afirmar que essas vogais favorecem a regra de elevação da vogal /e/ dos clíticos em estudo.

4.1.4. Cruzando variáveis

Nesta seção, apresentamos resultados de cruzamentos de algumas variáveis em novas rodadas efetuadas com o programa estatístico, sem referência a pesos relativos.

É relevante salientarmos que o programa CROSSTAB não trabalha com amalgamações, por isso, quando cruzamos a variável “faixa etária do informante” com outras variáveis extralingüísticas, encontramos três faixas etárias e, não duas, como vimos na segunda análise estatística do VARBRUL.

Tabela11: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Sexo” e “Faixa Etária do Informante”

Sexo	Faixa Etária	Ocorrência/Total	Percentual
Masculino	16-25 anos	73/174	42%
	26-49 anos	48/140	34%
	+ 50 anos	60/204	29%
Feminino	16-25 anos	131/190	69%

26-49 anos	78/236	33%
+50 anos	76/197	39%
Total	466/1.141	41%
Significância .000		

A Tabela 11 mostra que os informantes do sexo masculino, em qualquer faixa etária, não são favorecedores da regra de elevação da vogal átona final /e/ do clítico, enquanto que as mulheres jovens se mostram inovadoras na comunidade lingüística, ou seja, elevam a vogal /e/ para [i]. Já as mulheres com mais de 25 anos desfavorecem a regra.

O VARBRUL não selecionou a variável extralingüística “escolaridade” como significativa para o fenômeno estudado, porém resolvemos cruzá-la com as variáveis “sexo” e “faixa etária do informante” para verificarmos se, juntas, levariam a resultados relevantes.

Tabela12: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Sexo” e “Escolaridade”

Sexo	Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
Masculino	Esc1 ²²	66/200	33%
	Esc2 ²³	115/318	36%
Feminino	Esc1	142/316	45%
	Esc2	143/307	47%
Total		466/1.141	41%
Significância .000			

Os dados da Tabela 12 indicam que a variável “sexo”, cruzada com a “escolaridade do informante”, não favorece a regra aqui estudada: tanto informantes do sexo masculino como feminino, de ambas as escolaridades, se mostram desfavorecedores da elevação da vogal /e/ do clítico para /i/.

Tabela13: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis extralingüísticas “Escolaridade” e “Faixa Etária do Informante”

²² Analfabetos ou que tenham cursado, no máximo, a 5ª série do Ensino Fundamental.

²³ A partir do 1º ano do Ensino Médio, sem limite.

Faixa Etária	Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual
16 a 25 anos	Esc1	76/167	46%
26 a 49 anos	Esc1	62/161	39%
+50 anos	Esc1	70/188	37%
16-25 anos	Esc2	128/197	65%
26 a 49 anos	Esc2	64/215	30%
+50 anos	Esc2	66/213	31%
Total		466/1.141	41%

Significância .000

Na Tabela 13, podemos ver que os indivíduos pertencentes à escolaridade 1, isto é, analfabetos ou que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série, e os pertencentes à escolaridade 2, ou seja, com pelo menos o 1º ano do Ensino Médio, não são favorecedores da regra de elevação da vogal /e/. Os indivíduos com idade entre 16 e 25 anos, da escolaridade 2, revelam-se inovadores na sua comunidade lingüística.

Cruzamos, nesta pesquisa, também variáveis lingüísticas, a fim de buscarmos resultados mais significativos.

Tabela14: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis lingüísticas “Tipo de Juntura” e “Distância (do Clítico) da Sílabas Tônica do Hospedeiro”

Tipo de Juntura	Distância (do Clítico) da Sílabas Tônica do Hospedeiro	Ocorrência/Total	Percentual
Com Consoante Seguinte	1 Sílabas	81/326	25%

	2 Sílabas	91/367	25%
	3 Sílabas	37/117	32%
	4 Sílabas	7/34	21%
Hiato	1 Sílabas	3/5	60%
	2 Sílabas	2/12	17%
	3 Sílabas	0/6	0%
	4 Sílabas	1/13	8%
Degeminação	1 Sílabas	0/0	0%
	2 Sílabas	23/26	88%
	3 Sílabas	73/82	89%
	4 Sílabas	8/11	73%
Ditongação	1 Sílabas	0/0	0%
	2 Sílabas	33/34	97%
	3 Sílabas	58/59	98%
	4 Sílabas	49/49	100%
Total		466/1.141	41%
Significância .000			

Mostramos, em (34), exemplos do cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de juntura” e “distância (do clítico) da sílaba tônica do hospedeiro”.

(34)

Exemplos:

Com consoante seguinte

1 sílaba	m[e] conta
2 sílabas	m[e] falava
3 sílabas	t[e] batizar
4 sílabas	m[i] cumprimentar

Hiato

1 sílaba	m[e]lha
2 sílabas	m[ea] mou

3 sílabas	s[ea]cordou
4 sílabas	m[ea]trapalhar

Degeminação

1 sílaba	não há casos
2 sílabas	m[ê]nsina
3 sílabas	m[ê]nsinar
4 sílabas	m[ĩ]nteressar

Ditongação

1 sílaba	não há casos
2 sílabas	s[ja]p ga
3 sílabas	[sja]judavam
4 sílabas	m[ja]gazarhar

Na Tabela 14, verificamos que os processos de sândi favorecem a elevação da vogal átona /e/ final do clítico em qualquer distância da posição da sílaba tônica do hospedeiro. É claro que na primeira sílaba do hospedeiro não pode haver tonicidade, porque esses processos só ocorrem com sílabas átonas²⁴.

Os casos em que há uma consoante seguinte ou em que a vogal do clítico forma um hiato com a vogal seguinte não favorecem a regra de elevação da vogal do clítico em qualquer distância da sílaba tônica do hospedeiro. Notamos que, em casos de hiato, há um menor favorecimento da regra analisada do que com consoante seguinte. Embora encontremos, quando a distância do clítico para a sílaba tônica do hospedeiro é de uma sílaba, um percentual alto (60%), nos hiatos, não consideramos esse dado relevante, pois há poucas ocorrências de hiato quando a primeira sílaba do hospedeiro é tônica.

²⁴ Há casos que aceitam que a primeira sílaba do hospedeiro seja tônica. Para maiores esclarecimentos ver Bisol (1996b).

Tabela15: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ com cruzamento das variáveis lingüísticas “Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro” e “Tipo de Juntura”²⁵

Tipo de Vogal da Borda Esquerda do Hospedeiro	Tipo de Juntura	Ocorrência/Total	Percentual
não pertinente	Com consoante seguinte	216/844	26%
[a]	Hiato	5/26	16%
	Ditongação	120/120	100%
[i]	Hiato	1/3	33%
	Degeminação	103/103	100%
	Ditongação	0/2	0%
[o]	Hiato	0/4	0%
	Ditongação	14/14	100%
[e]	Degeminação	0/14	0%
	Ditongação	5/5	100%
[]	Hiato	1/3	33%
	Degeminação	0/1	0%
[u]	Hiato	0/1	0%
	Ditongação	1/1	100%
Total		466/1.141	41%

Significância .000

Em (35), mostramos exemplos do cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” e “tipo de juntura”.

(35)

Exemplos

não pertinente

Com consoante seguinte

t[e] quero

²⁵ Na Tabela 15 foram retirados os fatores cuja ocorrência foi zero.

	Hiato	não há casos
	Degeminação	não há casos
	Ditongação	não há casos
[a]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	m[ea]mou
	Degeminação	não há casos
	Ditongação	m[ja]mou
[i]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	m[ei]dentificou
	Degeminação	t[i]nsinar
	Ditongação	m[ej]dentificar
[o]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	m[eo]lhou
	Degeminação	não há casos
	Ditongação	t[jo]lhou
[e]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	não há casos
	Degeminação	m[ê]nsinou
	Ditongação	m[jê]nsinou
[]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	m[i]ra
	Degeminação	lh[]
	Ditongação	m[j]
[u]		
	Com consoante seguinte	não há casos
	Hiato	s[eu]ne
	Degeminação	não há casos
	Ditongação	s[ew]ne

Na Tabela 15, cruzamos as variáveis lingüísticas “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” com “tipo de junção” e constatamos que os processos de sândi favorecem a regra de elevação da vogal átona final de clíticos, mais especificamente, os contextos em que há ditongação, conforme já tinha sido visto nos dados das Tabelas 1 e 7. Nesse contexto, as vogais [a] e [o] são altamente favorecedoras da regra em estudo, porém é necessário destacar que houve poucos casos de ditongação com a vogal [o]. Já nos casos em que houve degeminação, somente a vogal [i] mostrou-se favorecedora da regra de elevação.

Os casos em que não houve processos de sândi apresentaram um percentual muito baixo de elevação da vogal /e/ do clítico, mostrando-se desfavorecedores da regra de elevação das átonas finais.

Na seção 4.2, apresentamos os resultados relativos ao *corpus* constituído por vocábulos com vogal átona postônica final /e/. Ao formarmos este *corpus*, conforme já foi explicado no capítulo 3, nosso principal objetivo foi o de realizar uma análise comparativa do comportamento da vogal átona final /e/, em clíticos e em palavras prosódicas do Português Brasileiro.

4.2 Resultado do *corpus* formado por Vocábulos Lexicais do PB

Analisamos um total de 1.325 ocorrências de vocábulos lexicais com a presença da vogal átona /e/ em posição postônica final nos dados da presente pesquisa. Das 10 variáveis independentes controladas neste *corpus*, o Sistema VARBRUL selecionou como relevante apenas a variável “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”. Todas as outras variáveis foram eliminadas por este programa no *stepdown*.

4.2.1 Variável dependente

A variável dependente, conforme já foi referido na seção 3.4.2, foi a aplicação ou não da regra de elevação da vogal átona /e/ postônica final em dados de fala da cidade de Bagé, uma regra que tem como domínio o limite de palavra.

4.2.2 Resultado obtido do cruzamento da variável dependente com a variável independente “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”

Apresentamos, nesta seção, a variável lingüística “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”, única variável selecionada pelo Programa Estatístico VARBRUL para o *corpus* de vocábulos lexicais aqui estudado.

Tabela16: Registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Vogal da Sílaba Seguinte quanto à Altura”

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
alta	327/329	99%	.59
média baixa e baixa	579/581	99%	.72
média alta	397/415	96%	.16
Total	1303/1325	98%	

Significância .000
Input 1.00

Vejamos, em (36), exemplos representativos das variantes pertencentes à Tabela 16. Estes exemplos foram retirados do *corpus* da presente pesquisa.

(36)

Exemplos:

- altas mat[i] br[i]ncando
 sangu[i] p[u]ro
- médias baixas e baixa grand[i] p[]de
 capacet[i] []ra
 corrent[i] s[a]ngüínea
- médias altas horizont[i] p[e]guei
 film[i] b[o]m

A Tabela 16 indica um maior uso da regra de elevação da vogal /e/ átona final de vocábulos lexicais quando a vogal da sílaba seguinte é média

baixa ou baixa (.72). Há, também, um índice levemente favorecedor dessa regra com vogais altas (.59). Já as vogais médias altas mostram-se desfavorecedoras do fenômeno aqui estudado (.16). Esse resultado contraria o que é encontrado na literatura, a qual registra o fato de vogais altas favorecerem a elevação da vogal /e/.

Neste capítulo, apresentamos os resultados estatísticos obtidos através do programa VARBRUL para o estudo da regra de elevação da vogal átona final /e/ em clíticos e em palavras prosódicas do PB, com o fim de discutir a prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil. Mostramos as variáveis lingüísticas e sociais selecionadas pelo sistema operacional VARBRUL e, também, os problemas surgidos nas rodadas no que diz respeito a knockouts, o que resultou em amalgamações e exclusão de fatores do *corpus* da presente pesquisa.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados que constituíram os *corpora* da pesquisa. Os resultados apresentados pelo Pacote VARBRUL, mostrados no capítulo 4, são, agora, comparados e analisados à luz dos pressupostos teóricos em que se embasou a presente pesquisa. É aqui discutida a regra de elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais e de posição postônica final de palavras prosódicas, bem como a repercussão do comportamento dessa regra com relação à formação de constituintes prosódicos no PB, particularmente na comunidade de Bagé-RS.

5.1 Análise dos resultados do *corpus* formado por Clíticos Pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”

Apresentamos, nesta seção, a análise dos resultados referentes a variáveis lingüísticas e extralingüísticas selecionadas pelo Pacote Estatístico VARBRUL, à luz de Teorias Fonológicas e da Teoria da Variação.

5.1.1 Resultados referentes a variáveis lingüísticas

5.1.1.1 Tipo de juntura

Na seção 4.1.2.1, foi apresentada a Tabela 1, intitulada “tipo de juntura”, a qual apresenta resultados que se mostraram pertinentes para o presente estudo. Os tipos de juntura considerados relevantes pelo Sistema VARBRUL foram a “degeminação” (PR .85) e a “ditongação” (PR 1.00). Verificamos que esses processos de sândi favorecem a regra de elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais aqui investigados.

Os resultados dessa tabela, na verdade, poderiam também receber interpretação por outro enfoque: permitiriam concluirmos que a elevação da vogal do clítico favorece processos de sândi. Essa interpretação seria única e categórica, se levássemos em conta os dados relativos à ocorrência de “ditongação” nos resultados mostrados na Tabela 1 – esses resultados

registram que em 99% dos casos de ditongação (PR 1.00) houve elevação da vogal coronal. Isso quer dizer que, em quase todos os casos em que foi aplicada a regra de elevação vocálica, havendo contexto para a regra de ditongação, esta também foi aplicada.

O mesmo comportamento praticamente categórico já não pode ser atribuído ao outro processo de sândi também registrado nos dados – o processo de degeminação –, já que houve a degeminação tanto com a manutenção da vogal média do clítico, como com a vogal alta, conforme aparece nos exemplos mostrados em (37).

(37)

Exemplos:

te ensinou – t[ê]nsinou

me encontrou – m[ĩ]ncontrou

Em razão do comportamento da degeminação no *corpus* desta pesquisa, portanto, é possível afirmar-se que os processos de sândi podem favorecer a elevação da vogal dos clíticos. Apesar de essa afirmação encontrar fundamento nos dados da presente pesquisa, não há como negarmos que a elevação de vogal final átona também favorece processos de sândi, particularmente o processo de ditongação, o qual tem, como um de seus integrantes, um glide – e a vogal alta decorrente da elevação de vogal átona final pode, com facilidade, no fluxo da fala, como resultado de ressilabação, transformar-se em glide, dando origem a um ditongo.

Na seção 4.1.3, ao amalgamarmos os casos denominados “com consoante seguinte” e “hiato”, ou seja, “sem processos de sândi”, confirmamos que os casos em que não havia “degeminação” e “ditongação” desfavorecem a regra de elevação da vogal átona final /e/, e nos casos em que houve processos de sândi – degeminação (PR .94) e ditongação (PR 1.00) – houve o favorecimento da elevação da vogal átona /e/. Ao amalgamarmos esses dois grupos de fatores de uma variável lingüística, verificamos um aumento do peso relativo, no que tange à degeminação, o que indica que os processos de sândi são altamente relevantes para o fenômeno estudado.

5.1.1.2 Tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro

Na seção 4.1.2.3, Tabela 3, verificamos o registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro”. Os dados apresentados nessa tabela indicam que as vogais [a] e [i] na borda esquerda do hospedeiro favorecem a elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais aqui estudados (PR .74 e .93).

A vogal do clítico, quando é elevada para [i], ao ligar-se à vogal da borda esquerda do hospedeiro, sendo esta um [i], cria o processo de sândi intitulado degeminação. E, embora o *corpus* tenha registrado a ocorrência da degeminação tanto com a manutenção da vogal [e] como com a vogal [i], os dados desta pesquisa mostraram maior tendência à degeminação quando a vogal do clítico se eleva para [i] do que quando se mantém como [e], o que faz com que a vogal [i] na borda esquerda do hospedeiro favoreça a ocorrência do processo de degeminação. Mas também houve casos em que o [i] da borda esquerda do hospedeiro, por compartilhar o traço [coronal] com a vogal [e] do clítico precedente, foi elidido, havendo a realização fonética apenas da vogal média alta: foi o fato observado em seqüências como *me indicar* realizada como m[ẽ]ndicar, por exemplo (veja-se a primeira variante do primeiro exemplo em (38)).

Já a vogal da borda esquerda do hospedeiro sendo um [a], une-se à vogal do clítico que, elevada para [i] e transformada em glide por ressilabação, cria um outro processo de sândi denominado ditongação. Apresentamos, em (38), exemplos das vogais [a] e [i] constituindo a borda esquerda do hospedeiro.

(38)

Exemplos:

<i>me indicar</i>	m[ẽ]ndicar	~	m[ɨ]ndicar
<i>me agradar</i>	m[ea]gradar	~	m[ja]gradar

Sabe-se que a realização de ditongos cuja vogal base tem o maior grau de abertura é menos marcada e sua ocorrência é freqüente na língua. Nesse sentido, é relevante referir que Bonilha (2000, p.133), ao estudar a aquisição

dos ditongos orais decrescentes no Português Brasileiro, verificou que integram o sistema das crianças primeiramente ditongos formados pela vogal baixa, *uma vez que os ditongos [aw] e [aj] já são produzidos a partir da FE01, como em au-au [aw'aw] (João – 1:0:25²⁶)*. Nessa mesma faixa etária, segundo a autora, há também a produção de ditongos formados pela vogal base [i], como em *caiu [ka'iw] (João – 1:0:25)*. De acordo com Bonilha (op. cit, p.133), *o ordenamento inicial do surgimento dos ditongos decrescentes seria exatamente pela aquisição do triângulo básico das vogais /a/, /i/, /u/*.

Na presente pesquisa, constatamos, portanto, que a vogal /a/, na borda esquerda do hospedeiro, favorece o processo de elevação da vogal do clítico, sendo motivadora da formação de ditongos.

5.1.1.3 Contexto precedente

Os dados apresentados neste estudo, na seção 4.1.2.5, revelaram que, no que se refere ao “contexto precedente”, a consoante /s/ favorece a elevação da vogal átona /e/ (PR .65). É fato reconhecido por lingüistas que estudam o português (por exemplo, Bisol, 1999b) que a fricativa coronal /s/, em posição de coda, favorece a elevação de /e/, em início de palavra (exemplos: escola, escada, estrada). A seqüência inicial **es**, para Bisol (1999b, p.134), é formada por epêntese, no pós-léxico, e /e/, seguido da fricativa /s/, em dialetos gaúchos, tende a elevar-se para [i]. A partir dessa constatação, podemos entender que também /s/, em posição *onset* de sílaba, pode ser motivador da regra de elevação das vogais átonas finais. Esse fato, na verdade, já foi identificado por Vieira (2002), ao estudar as vogais médias postônicas no sul do país; sua pesquisa constatou que as fricativas /s/ e /z/, em posição de *onset*, favorecem a elevação da vogal /e/, apresentando peso relativo .64.

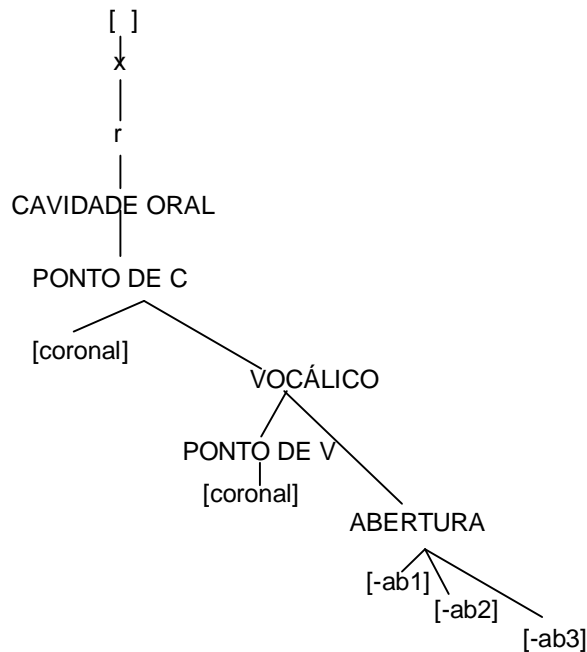
Quanto à ocorrência da consoante lateral palatal como contexto precedente à vogal /e/ de clítico da língua, essa poderia ser interpretada como desfavorecedora da regra de elevação aqui estudada, pois o peso relativo dessa consoante foi baixo para a aplicação da regra analisada (PR .02). No entanto, há somente 13 casos de /l/, como contexto precedente, nos dados

²⁶ 1:0:25 representa um ano e vinte e cinco dias – a FE01 compreende crianças com idade de um ano a um ano e vinte e nove dias.

desta pesquisa; por isso, não podemos definir / / como desfavorecedor da regra em estudo, mas esses dados permitem que consideremos a questão do OCP.

Ao falarmos em OCP, é relevante retomarmos a noção de que a Fonologia Autossegmental apresenta princípios básicos que estabelecem limites para o emprego de regras. Um desses limites é representado pelo Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* – OCP), proposto inicialmente por Leben (1973) para resolver problemas tonais, e, depois, estendido por McCarthy (1986) à fonologia segmental. Esse princípio revela a tendência das línguas a proibirem elementos adjacentes iguais, incluindo traços ou nós adjacentes idênticos em um dado *tier*. O OCP pode explicar a pouca ocorrência de / / como contexto precedente à elevação da vogal /e/ no presente estudo. Consideramos aqui que o segmento / / apresenta uma estrutura complexa, ou seja, sob o nó da raiz desse segmento há, pelo menos, dois traços articuladores, sendo que propomos a representação arbórea de / / apresentada em (39), seguindo Matzenauer-Hernandorena (1997, p. 689).

(39)



Em (39) verificamos que / / apresenta duas articulações, uma primária consonantal e uma secundária vocálica. A articulação primária está

representada pelo traço [coronal], que é imediatamente dominado pelo nó o Ponto de Consoante (Ponto de C). A articulação secundária é representada pelo nó Vocálico, que também é dominado pelo Ponto de C. Ao nó Ponto de Consoante e ao nó Vocálico estão ligados Ponto Vocálico (Ponto de V) e Abertura.

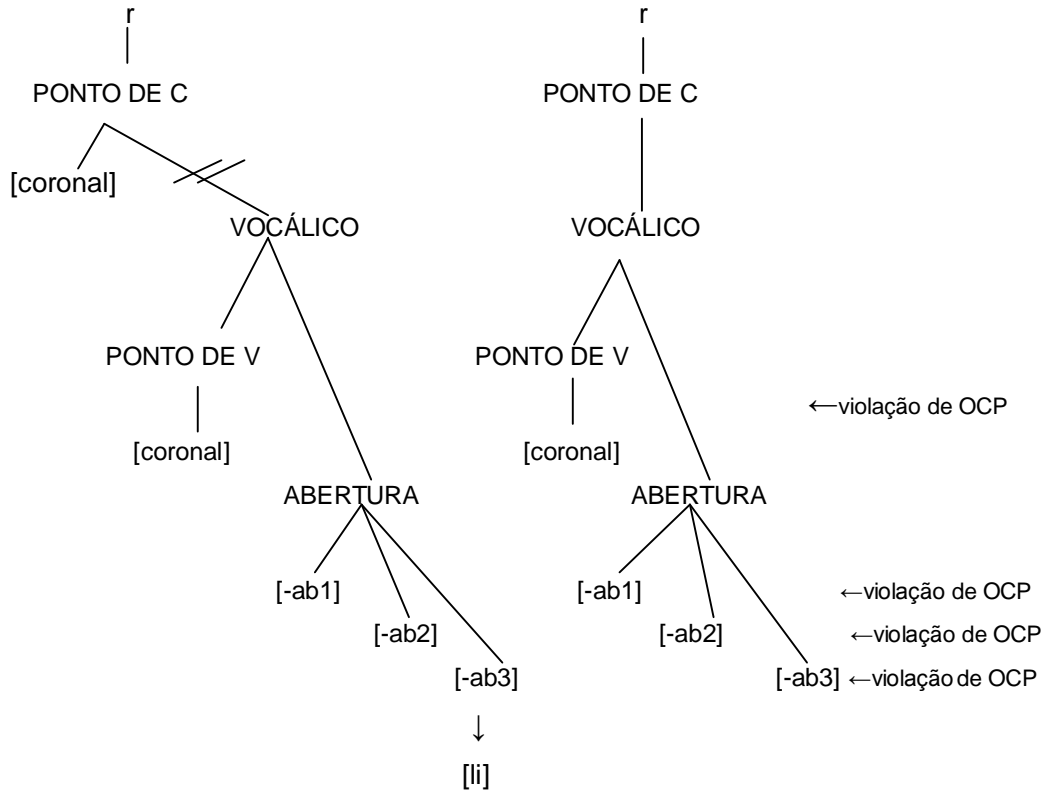
Dentre os 13 casos de / / em clíticos encontrados nesta investigação, houve apenas uma ocorrência da elevação da vogal átona final /e/ para [i], o que pode dever-se ao fato de / /, sendo uma consoante complexa, apresentar em sua constituição o nó Vocálico constituído por todos os traços que caracterizam a vogal [i]. Esse fato indica que os segmentos que formam a seqüência [i] *apresentam traços adjacentes idênticos em um mesmo tier* (Matzenauer-Hernandorena, 1997, p. 695), ou seja, sob o Ponto de V está ligado o traço [coronal] e sob Abertura estão ligados três valores, ou seja, [-ab1], [-ab2] e [-ab3]. Devido ao fato de a seqüência [i] possuir traços adjacentes idênticos em todos os *tiers* dominados pelo nó Vocálico, por ação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP), todo esse nó é desligado, fazendo com que / / seja foneticamente realizado como a lateral alveolar [l].

Podemos verificar, em (40), o desligamento do nó VOCÁLICO indicado por Matzenauer-Hernandorena (1997, p. 698).

(40)

[]
k
|

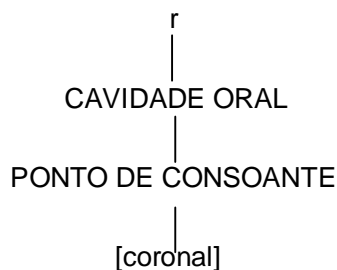
[i]
k
|



Com o desligamento do nó Vocálico da lateral palatal, a seqüência [i] passa para [li]. Esse desligamento faz com que a consoante complexa [] se transforme em consoante simples [l], como mostrado por Matzenauer Hernandez (1997, p. 687). Essa estrutura arbórea está representada em (41).

(41)

[l]
|
x
|



Seguindo-se essa interpretação, verificamos a razão por que, com muita frequência, os falantes de PB realizam o clítico / e/ como a seqüência fonética [li] – seria uma conseqüência de um exemplo da ação de OCP na língua. Nos dados da presente pesquisa, no entanto, em lugar de os informantes realizarem a elevação da vogal átona do clítico, o que resultaria em contexto que motivaria a ação de OCP, a tendência registrada (em 12 ocorrências dentre 13 possibilidades) foi a de manutenção da vogal média /e/, tornando, portanto, predominante a realização fonética da seqüência [e].

Com relação aos outros contextos precedentes da vogal /e/ em clíticos aqui estudados – os fonemas /m/ e /t/ –, pelos resultados obtidos, esses foram amalgamados, com base no fato de ambos compartilharem o traço [-contínuo] e, mesmo assim, constatamos que os pesos relativos se mantiveram praticamente os mesmos da primeira rodada estatística. Na Tabela 5, capítulo 4, /m/ apresenta peso .44 e /t/, .42; ao juntarmos essas variáveis lingüísticas, o peso apresentado pelo Pacote Estatístico VARBRUL é de .43, o que confirma o desfavorecimento da regra de elevação de /e/ por esses fonemas precedentes, sejam amalgamados ou analisados de forma separada.

5.1.1.4 Tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte

Na seção 4.1.2.6, Tabela 6, mostramos o registro da ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ do clítico, levando-se em consideração a variável “tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte ao clítico”. Esse grupo de fatores foi incluído na análise em razão de uma hipótese que levantamos no início da pesquisa: sendo o resultado da elevação aqui estudada a vogal alta [i], o emprego dessa vogal poderia ser favorecido pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte ao clítico, especialmente se essa fosse a vogal [i], já que se poderia configurar, nesse caso, a manifestação de um tipo de harmonia

vocálica. Essa hipótese fundamentou-se no fato, comprovado por pesquisas, de as vogais médias altas pretônicas passarem a altas, quando há uma vogal também alta na sílaba seguinte – essa regra variável é explicada por Bisol (1981), com referência ao dialeto gaúcho. No entanto, os dados revelaram que esta vogal não foi gatilho para a elevação da vogal /e/ de clíticos e, portanto, para a aplicação do processo de assimilação que tenha como alvo esse tipo de vogal /e/ pretônica; ao contrário, a vogal alta [i] da sílaba seguinte mostrou-se desfavorecedora da elevação da vogal /e/ do clítico (PR .43), contrariando a expectativa.

A regra de harmonia vocálica, tendo como contexto por excelência a palavra prosódica, ao não se aplicar entre o clítico e o hospedeiro pode estar evidenciando que os clíticos pronominais aqui investigados não se comportam como sílabas pretônicas do verbo. O fato de a vogal átona /e/ de clíticos não se elevar para [i] por harmonia pode estar indicando que o clítico se comporta como uma palavra prosódica independente do hospedeiro, mesmo não portando acento. Os clíticos pronominais investigados nesta pesquisa parecem evitar a aplicação da regra de harmonização vocálica, a qual normalmente é empregada em palavras fonológicas, ou seja, é regra que tem a palavra fonológica como domínio de aplicação (Bisol, 1981).

5.1.1.5 Vogal da sílaba seguinte quanto à altura

Na seção 4.1.3, apresentamos a tabela 10, intitulada “Vogal da sílaba seguinte quanto à altura”. Como verificamos no capítulo 4, as vogais médias altas e as altas apresentam um peso relativo neutro (.51 e .49). Esse índice estatístico revela que /e/, /o/, /i/ e /u/ não são vogais preservadoras nem favorecedoras da regra aqui estudada. Já as vogais baixas mostram-se desfavorecedoras da elevação da vogal átona /e/.

O resultado relativo às vogais médias altas e às altas não reflete o que é postulado pela literatura, uma vez que são as vogais altas, conforme já foi referido na seção precedente, as favorecedoras da elevação da átona /e/.

Verificamos, também, na seção 4.1.3, que as vogais médias baixas favorecem o uso da elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais, embora tenhamos que tomar cuidado ao fazer essa afirmação devido à

pequena amostra, em nosso *corpus*, de vogais médias baixas em sílaba seguinte ao clítico.

Considerando esse resultado como pertinente, precisaríamos afirmar que estaria ocorrendo uma regra de dissimilação, processo não muito comum nas línguas do mundo, mas que é utilizado como uma estratégia de reparo diante da violação do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), já referido na seção 5.1.1.3. A literatura refere o processo de dissimilação como não sendo tão comum como a assimilação nos sistemas fonológicos. A dissimilação também é pouco comum na aquisição da linguagem, conforme Matzenauer-Hernandorena (1990), Lamprecht (1990).

A dissimilação é um processo que faz com que segmentos semelhantes ou iguais se tornem diferentes. Nesse caso, quando a vogal média baixa, que compartilha vários traços com a vogal média alta /e/, favorece a elevação deste segmento para [i], parece estar desencadeando um caso de dissimilação – foi o que ocorreu na presente pesquisa: embora apresentando um número pequeno de ocorrências, a vogal média baixa se mostrou favorecedora da elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais (.75).

De acordo com Clements & Hume (1995, p.262), *tradicionalmente a dissimilação tem sido estabelecida em termos de regras de mudança de traços, do tipo [x] → [-F] / ___ [+F]*, mas, para os autores, não é possível adotar essa estrutura, visto que muitos traços submetidos a esse processo fonológico, tais como [coronal], [labial] e [dorsal] possuem um só valor.

Para Clements & Hume (op.cit, p.262), *a dissimilação pode ser manifestada com um efeito de desligamento, de acordo com o qual um traço ou nó é desligado de um segmento; o nó órfão é então apagado através de uma convenção geral. Uma regra posterior pode inserir o valor oposto.*

O OCP, segundo os autores, explica por que o desligamento tem uma função dissimilatória. Como vimos anteriormente, esse princípio foi criado inicialmente para resolver problemas tonais e, mais tarde, para explicar certos comportamentos observados entre segmentos das línguas. Esse princípio explica por que muitas línguas evitam seqüências de segmentos ou tons adjacentes iguais.

Embora o emprego do processo de dissimilação não seja tão freqüente quanto o de assimilação, pode ser identificado tanto no funcionamento

sincrônico como diacrônico de muitos sistemas lingüísticos. Segundo Crystal (2000, p.85), um exemplo de dissimilação é o verificado na palavra *arbor*, *árvore* em Latim. Essa palavra, ao passar para o espanhol, – *árbol* – sofre esse processo dissimilatório, uma vez que o segundo *r* da palavra é transformado em *l* e, ao ser passada para o italiano, – *albero* – transforma o primeiro *r* da palavra em *l*.

5.1.1.6 Cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de juntura” e “distância (do clítico) da sílaba tônica do hospedeiro”

Na seção 4.1.4, Tabela 14, encontramos o cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de juntura” e “distância (do clítico) da sílaba tônica do hospedeiro” e verificamos que processos de sândi apresentam alto índice de aplicação quando há uma seqüência de vogais átonas, sendo que, se a primeira vogal do hospedeiro, imediatamente seguinte ao clítico, for tônica não há o emprego do sândi. Os processos são criados por ressilabação e, de acordo com Bisol (1996b, p.64), os contextos a eles mais adequados são aqueles em que há *atonicidade máxima* – *quando ambas as vogais da seqüência VV são átonas* – ou, ainda, *atonicidade mínima*, em que *a) uma das vogais é alta e átona e b) a da direita não é portadora de acento principal*.

Ressaltamos que há, no *corpus* aqui estudado, poucos casos em que ocorre elevação da vogal /e/ de clíticos quando a sílaba do hospedeiro imediatamente seguinte ao clítico é tônica, sendo que em nenhum desses casos se manifestam processos de sândi.

Conforme podemos verificar na Tabela 14, o contexto de maior aplicação da ditongação é aquele em que há uma seqüência de vogais átonas.

No capítulo 2, seção 2.2, no qual revisamos os processos de sândi analisados na presente pesquisa, verificamos, como já foi mencionado, que, se ambas as vogais de uma seqüência de sílabas, uma estando em posição final e a outra em posição inicial, for tônica, não há aplicação da degeminação. Nesse mesmo capítulo, verificamos que há restrições rítmicas que proíbem haver esse processo fonológico (Bisol, 1996b).

Esses resultados indicam que o contexto de aplicação de determinados processos fonológicos é uma posição átona e que com maior distância da

tônica, ou seja, quando houver uma seqüência de sílabas átonas, processos fonológicos podem ser favorecidos. Em (42), reproduzimos um exemplo de regra fonológica, apresentado por Bisol (1996b, p.62), com estas características.

(42)

vérde amarélo	ver[dja]marelo	(átona + átona)
está estrángo	es[tajs]tranho	(tônica + átona)
cóme óstra	co[mjos]tra	(átona + tônica)
reví ísso	*revjisu *revijsu	(tônica + tônica)

Esses exemplos mostram que, se há uma seqüência de sílabas átonas, a vogal da sílaba da esquerda é elevada, formando um ditongo com a vogal da sílaba subsequente, como vemos em *ver[dja]marelo*; se há uma seqüência de sílabas átona e tônica ou vice-versa, o processo de ditongação também é permitido, transformando a vogal alta, não acentuada, em um glide, o qual passa a ocupar a posição de C. Já se as duas vogais altas são acentuadas, o processo é bloqueado, conforme aparece em **revjisu / *revijsu*.

Na presente pesquisa, em virtude de os clíticos pronominais analisados serem todos pronomes átonos, não houve ocorrência de seqüência de sílabas tônicas. A primeira sílaba, a do clítico, sendo átona, em contato com a primeira sílaba do hospedeiro, átona ou tônica, está sujeita à regra de elevação e a processos de sândi, (vejam-se os contextos apresentados por Bisol, exemplificados em (42)), embora o melhor contexto para estas regras seja a seqüência de sílabas átonas.

De acordo com Bisol (1988, p.14), *do Latim às línguas dele derivadas, as vogais átonas e e o trazem consigo uma longa história de variação*. Essas vogais mostram-se mais sujeitas a alterações. E é em contexto de atonicidade que ocorrem muitas variações na linguagem. Podemos dizer, em nosso estudo, que, quanto maior for o grau de atonicidade, maior será a tendência à elevação da vogal /e/ dos clíticos pronominais, não significando, porém, que, se houver um menor grau de atonicidade, essa regra não possa ser aplicada, apenas tenderá a ser empregada em menor quantidade.

Os resultados do cruzamento dessas variáveis lingüísticas na presente pesquisa corroboram que é importante haver uma seqüência de sílabas átonas para o emprego do sândi e para a elevação da vogal /e/ de clíticos.

5.1.1.7 Cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” e “tipo de juntura”

Na seção 4.1.4, Tabela 15, verificamos o cruzamento das variáveis lingüísticas “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” e “tipo de juntura” e constatamos que o contexto em que a sílaba seguinte ao clítico apresenta uma consoante se mostra desfavorecedor da regra de elevação da vogal /e/ de clíticos pronominais. Também há um desfavorecimento dessa regra nos casos em que a primeira vogal da borda esquerda do hospedeiro forma com a vogal do clítico um hiato.

As vogais [a] e [i], na borda esquerda do hospedeiro, apresentam 100% de aplicação da regra em estudo quando o tipo de juntura empregado é a degeminação ou a ditongação. A vogal [a] apresenta 120 casos de aplicação da ditongação, enquanto [i], 103 casos de emprego da degeminação.

Na seção 5.1.1.2, verificamos que os primeiros ditongos orais decrescentes surgidos na aquisição oral, no PB, são os constituídos pela vogal baixa, conforme Bonilha (2000). Ditongos formados pela vogal [a] parecem ser os ditongos menos marcados do PB, uma vez que são os primeiros adquiridos na linguagem oral. Nos dados desta pesquisa, esses também foram os ditongos mais freqüentemente constituídos quando houve a elevação da vogal átona dos clíticos estudados.

5.1.2 Resultados referentes a variáveis extralingüísticas

5.1.2.1 Faixa Etária do Informante

Na seção 4.1.2.2, Tabela 2, referente à “faixa etária do informante”, verificamos que os falantes jovens empregam significativamente a regra de elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais (PR .78), enquanto os outros dois grupos etários – 26 a 49 anos e mais de 50 anos – tendem a preservar a vogal média alta /e/ (PR .35 e PR .37).

Após realizarmos a primeira rodada estatística, decidimos amalgamar variantes da variável “faixa etária do informante”, a fim de investigarmos o papel da idade na preservação ou elevação da vogal média alta /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”. Para isso, como mostramos na seção 4.3, Tabela 9, ficamos com a divisão etária “Jovens” – 16 a 25 anos – e “Adultos” – mais de 25 anos.

Os resultados estatísticos dessa tabela confirmaram que os jovens são mais suscetíveis a mudanças (PR .78); já os falantes adultos mostraram-se mais preservadores no que se refere ao uso da linguagem (PR .36).

Ao analisarmos os resultados apresentados na Tabela 9, verificamos que os pesos relativos se mantêm praticamente iguais aos da Tabela 2, o que revela que a variável “faixa etária” tem um papel importante no estudo da elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais. Através dessa amalgamação de fatores, confirmamos a relevância dessa variável para o presente estudo, uma vez que os resultados mostram novamente que os adultos tendem a preservar a manutenção da vogal média alta /e/, enquanto os jovens se mostram inovadores na linguagem, no sentido de que aplicam uma regra que não é ou não era característica da comunidade à qual pertencem.

A partir desses resultados, cruzamos as variáveis “faixa etária do informante” com outros fatores extralingüísticos, com o objetivo de verificar o comportamento dessa variável quando acrescida de outros fatores sociais.

Na seção 4.1.4, Tabela 11, encontramos o registro de ocorrência da regra aqui estudada com cruzamento das variáveis “sexo” e “faixa etária do informante”. Os dados revelaram que as mulheres jovens favorecem a regra de elevação (69%), sendo que os homens, de qualquer idade, ou as mulheres com mais de 25 anos apresentam um índice desfavorável de aplicação da regra de elevação da vogal átona final /e/. Constatamos, também, que em ambos os sexos houve um desfavorecimento da regra em estudo por parte dos indivíduos com idade avançada, o que mostra a preservação da vogal média

alta /e/ por falantes adultos na comunidade estudada. Essa amalgamação, portanto, corroborou o resultado já atribuído à relevância do fator ‘faixa etária’ para o fenômeno aqui estudado.

Nessa mesma seção, 4.1.4, Tabela 13, mostramos o cruzamento das variáveis extralingüísticas “escolaridade” e “faixa etária do informante”. Os resultados revelaram que os indivíduos jovens que estão incluídos na escolaridade 2 – indivíduos que estão cursando a partir do 1º ano do Ensino Médio (sem limite) – utilizam significativamente a regra de elevação em estudo (65%).

Após realizarmos algumas amalgamações e cruzamento de fatores e compararmos os resultados percentuais, verificamos que a regra de elevação da vogal átona final é favorecida por indivíduos do sexo feminino, com idade entre 16 e 25 anos. A variável “escolaridade” cruzada com “sexo” não se revelou favorecedora da elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais estudados, já quando cruzamos “escolaridade” com “faixa etária do informante” verificamos que os jovens pertencentes à escolaridade 2 elevam significativamente a vogal média alta /e/.

Cabe mencionar que, embora a variável “escolaridade” não tenha sido selecionada pelo Programa VARBRUL, resolvemos incluí-la quando cruzamos com outros fatores sociais, a fim de verificar sua relevância diante de outras variáveis extralingüísticas.

Carniato (2000), ao estudar a neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar²⁷, verificou que os falantes jovens, com idade entre 13 e 18 anos, se mostram favorecedores da regra de neutralização da vogal /e/ (PR .59) e da vogal /o/ (PR .75), já os adultos, com mais de 50 anos, não aplicaram significativamente essa regra fonológica, em sua pesquisa, apresentando um peso relativo .35 para /e/ e .24 para a neutralização da vogal /o/. Comparando os resultados da investigação de Carniato com os da presente pesquisa – ambos tratando do estudo do comportamento de vogais do Português Brasileiro – constatamos que os jovens mostraram um comportamento semelhante, ou seja, revelaram-se altamente

²⁷ Santa Vitória do Palmar é uma cidade também localizada próxima à fronteira com o Uruguai.

favorecedores da regra de elevação da vogal /e/, enquanto os adultos se revelaram preservadores da regra de não elevação da vogal aqui analisada.

5.1.2.2 Sexo

Na seção 4.1.2.4, Tabela 4, verificamos o papel da variável “sexo” no estudo da regra de elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais. Os dados indicaram que os homens preservam a vogal média alta /e/ dos clíticos, apresentando peso relativo .39; já as mulheres utilizam significativamente essa regra – peso relativa .59 – e, nesse sentido, mostraram-se inovadoras no uso da linguagem, pois estão alterando um uso que era considerado como identificador da comunidade em estudo.

Conforme comentamos na seção 4.1.4, Tabela 11, ao mostrarmos o cruzamento dos fatores sociais “sexo” com “faixa etária do informante”, verificamos que as mulheres jovens empregam a regra de elevação em 69% dos casos, já os outros indivíduos, independente da variável “sexo”, preservam a não elevação da vogal átona /e/ e, quanto mais avançada a idade do informante, mais ele tende a não elevar a vogal átona /e/ dos clíticos.

Na Tabela 12, seção 4.1.4, apresentamos o resultado do cruzamento dos fatores extralingüísticos “sexo” e “escolaridade” e verificamos que tanto os homens como as mulheres, de ambas as escolaridades, relevaram-se desfavorecedores da regra de elevação aqui estudada.

Os resultados apresentados nessa seção mostram a variável “sexo”, isoladamente, como relevante para o presente estudo; já quando cruzada com a variável “escolaridade”, revela-se desfavorecedora da elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais. O fator “sexo” parece não ser tão significativo, para este trabalho, como a princípio foi sugerido pelos resultados individuais, uma vez que, cruzando com outra variável social, apresenta um comportamento distinto do resultado relativo à variável isolada.

A variável extralingüística mais relevante para este trabalho parece ser a faixa etária do informante, visto que os resultados estatísticos indicam ser a idade mais jovem a favorecedora da regra aqui estudada, tanto quando esta variável aparece isolada, como também quando é cruzada com as variáveis “sexo” ou “escolaridade”.

Amaral (2003), ao estudar a concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas, realiza outro cruzamento de variáveis: “classe social” e “gênero”, mas salienta que a variável “gênero” foi a única variável extralingüística não selecionada pelo Pacote Estatístico. A variável “classe social”, em seu trabalho, abrange a dimensão econômica, profissional e a escolar. Seus resultados indicam que as mulheres pertencentes à classe média alta – subdivisão mais alta do *corpus* da pesquisa – empregam um maior número de concordância do que os homens (17% e 7%, respectivamente). O autor salienta que as mulheres se mostram resistentes à mudança. Cabe destacar que a análise de Amaral (2003) está baseada em um *corpus* de 2.130 dados e, destes, houve apenas 157 aplicação da concordância de segunda pessoa.

Os resultados apresentados por Amaral (2003) contrariam os encontrados em nossa pesquisa, no sentido de a variável sexo, ao ser cruzada com outra variável, favorecer a regra por ele estudada, porém lembramos que essa variável não foi selecionada pelo VARBRUL na análise dos dados de sua pesquisa. Cabe destacar que tanto em nossa pesquisa como na de Amaral foi relevante o cruzamento de variáveis sociais, pois esses cruzamentos podem confirmar se determinadas variáveis influenciam ou não a aplicação de uma determinada regra. Referentemente à variável “sexo”, segundo Labov (1982), outros fatores sociais têm de interagir com ela para que se mostre relevante em um estudo sociolingüístico.

5.2 Análise dos resultados do *corpus* formado por Vocábulos Lexicais do PB

Apresentamos, nesta seção, a análise dos resultados relativos à variável lingüística “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”, única selecionada pelo Pacote Estatístico VARBRUL na análise dos resultados relativos ao *corpus* constituído por vocábulos lexicais do PB. Interpretamos esses resultados a partir de Teorias Fonológicas e da Teoria da variação.

5.2.1 Resultados referentes à variável lingüística “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”

Na seção 4.2.2, Tabela 16, encontramos os resultados da variável “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”. Como verificamos nessa tabela, as vogais altas revelam-se discretamente favorecedoras da elevação de /e/ (.59), já as médias altas indicam um desfavorecimento da regra em estudo (.16).

As médias baixas e as baixas foram amalgamadas em razão de knockouts apresentados nas médias baixas pelo VARBRUL. Essas vogais revelam-se altamente favorecedoras da elevação da vogal média alta /e/ de vocábulos lexicais do PB (.72).

Como já mencionamos nos resultados analisados na seção 5.1.1.5, esse tipo de ocorrência parece caracterizar um processo de dissimilação, mas, neste caso, reunindo vogais médias baixas e vogais baixas subseqüentes à vogal final átona /e/. O número de dados aqui obtido pode ser considerado alto – 579/581 –, o que nos leva a considerar que realmente possa estar ocorrendo um processo dissimilatório.

Realizamos diversas amalgamações e/ou exclusão de variáveis ao tratarmos do *corpus* constituído por vocábulos lexicais do PB e o programa estatístico sempre selecionou, como relevante para a regra aqui estudada, a variável “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”.

A significância encontrada nessa rodada (ver Tabela 16) indica que, ao aceitarmos a hipótese experimental e rejeitarmos a hipótese nula, não estamos cometendo erros. O *input* é 1.00 e está de acordo com o percentual total que é de 98%²⁸. Esse resultado indica que não há problemas sérios relativos à distribuição de dados pelos fatores das variáveis ou de subcategorização.

O programa estatístico VARBRUL apresentou um *input* 1.00, o que indica que os dados se encontram estáveis, ou seja, não há variação no fenômeno estudado. No *corpus* constituído por vocábulos lexicais do Português Brasileiro, há 1.325 dados, sendo que, em 1.303, houve elevação da vogal átona postônica final /e/. Esse resultado indica que, no que se refere a vocábulos lexicais da língua, a elevação da vogal átona /e/ é praticamente categórica, diferenciando-se do comportamento da vogal de clíticos pronominais aqui estudados.

²⁸ Conforme Brescancini (2002, p.36), é preciso que o *input*, por estar relacionado ao nível geral de uso da variável, esteja próximo do percentual total da aplicação da regra em estudo. Caso esse índice esteja afastado do percentual total, será preciso verificar se não há insuficiência de dados, ou, ainda, se a distribuição dos dados da pesquisa não está inadequada.

5.3 Estabelecimento de relações entre os resultados dos Clíticos Pronominais e de Vocábulos Lexicais com Vogal Átona Final

Ao analisarmos separadamente cada um dos dois *corpora* estudados nesta pesquisa, encontramos alguns resultados importantes a respeito da elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais na comunidade de Bagé.

A análise fonológica, realizada com base na Teoria Prosódica, permite-nos concluir que a regra de elevação da vogal átona final /e/ de clíticos pronominais – primeiro *corpus* da pesquisa – tem pouca aplicação na comunidade de Bagé (41%). Já esta mesma regra, em final de palavra prosódica lexical, apresenta 98% de aplicação da elevação de /e/, indicando que palavras prosódicas são mais sensíveis ao fenômeno aqui estudado.

No *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB, considerado o segundo *corpus* deste estudo, apenas uma variável foi selecionada pelo programa VARBRUL, porém, para fins de comparação, comentamos também algumas variáveis excluídas por esse Pacote Estatístico.

Primeiramente, observamos que a variável “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”, selecionada nos dois *corpora*, apresentou resultados diferentes. Os resultados apresentados por essa variável indicam que há uma regra de dissimilação que, no *corpus* formado por clíticos pronominais, é muito menos freqüente (ver Tabelas 10 e 16, capítulo 4) embora o peso relativo seja maior do que o encontrado no *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB (.75 e .72 são os pesos relativos, respectivamente, alcançados pelos dois *corpora*), mostrando que há um comportamento diferente da vogal átona final /e/ em clíticos e em palavras prosódicas do português.

Enquanto no *corpus* formado por clíticos pronominais vogais altas e médias altas se apresentam neutras para o fenômeno aqui estudado – .49 e .51 são os pesos relativos que ambos os fatores respectivamente apresentaram –, no outro *corpus* verificamos que, aparentemente, existem resultados paradoxais, uma vez que vogais altas apresentam um discreto favorecimento da elevação da átona final /e/ (.59) e que também vogais baixas e médias baixas amalgamadas favorecem a regra em estudo. Os índices relativos ao *corpus* formado por vocábulos fonológicos lexicais poderiam indicar

que estaria havendo um choque de resultados. No entanto, o fato de haver uma tendência praticamente categórica de elevação da vogal átona /e/ revela que esses dados, supostamente conflitantes, têm de ser vistos sob um único ângulo, ou seja, de que, de maneira geral, há uma tendência à elevação da vogal /e/ átona final de vocábulos lexicais e que essa elevação somente não é favorecida quando vem uma vogal média alta no contexto subsequente – os dados apresentados na Tabela 16 conduzem, com consistência, a essa interpretação.

Outra questão a ser levantada é o fato de a variável “tipo de junctura” apresentar comportamento diferente em ambos *corpora*. A seguir, mostramos a Tabela 17, referente ao “tipo de junctura”, variável não selecionada no *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB, mas que será importante para a comparação de processos fonológicos em diferentes contextos.

Tabela 17: Registro de ocorrência da regra de elevação da vogal átona final /e/ segundo a variável “Tipo de Junctura” em Vocábulos Lexicais do PB

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual
Com consoante seguinte	925/942	98%
Hiato	338/343	99%
Degeminação	7/7	100%
Ditongação	33/33	100%
Total	1.303/1.325	98%

Em (43), verificamos exemplos que representam as variantes pertencentes à Tabela 17, lembrando que todos eles foram retirados do *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB.

(43)

Exemplos:

- com consoante seguinte: cidad[i] pobre
- com hiato: tim[ja]qui
- degeminação: sociedad[ĩ]nteira
- ditongação: fort[ja]gora

Comparando esse resultado com o da Tabela 1, capítulo 4, relativa ao *corpus* formado por clíticos pronominais, verificamos nesse *corpus* que há um alto índice de aplicação de processos de sândi; já no *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB, encontramos poucos casos de sândi (40 ocorrências em um total de 383 possibilidades – 10,44%). Esse resultado mostra uma preferência de aplicação de sândi em clíticos (244 ocorrências em um total de 297 possibilidades – 82,15%). Também verificamos que há um maior índice de elevação da vogal átona /e/, no *corpus* de vocábulos lexicais do PB (1.263 ocorrências em um total de 1.285 possibilidades – 98,28%), quando o vocábulo seguinte começa por uma consoante ou quando forma hiato com a vogal do vocábulo seguinte. No *corpus* de clíticos aqui estudado, quando não há processos de sândi, seja porque a vogal do clítico forma hiato com a vogal que inicia o vocábulo hospedeiro ou porque há uma consoante seguinte ao clítico, verificamos que há um índice reduzido de aplicação da regra de elevação da vogal média (222 ocorrências em um total de 880 possibilidades – 25,22%).

No *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB, pode ter sido registrada menor frequência de processos de sândi, em virtude de haver mais ocorrência de acento primário na primeira sílaba da palavra que segue o vocábulo terminado em /e/ e, de acordo com Bisol (1996b), há poucos casos de aplicação de sândi quando a primeira sílaba do vocábulo seguinte é tônica.

Vejamos, em (44), alguns exemplos de bloqueio de sândi retirados do *corpus* desta pesquisa constituído por vocábulos lexicais da língua.

(44)

Exemplos:

<i>parente acho</i>	parent[ja]cho	*parent[ja]cho
<i>oportunidade essa</i>	oportunad[i]ssa	*oportunad[j]ssa
<i>cliente hoje</i>	client[io]je	*client[jo]je

Esse resultado aponta para um comportamento diferente entre clíticos pronominais e vocábulos lexicais do PB. O fato de processos de sândi aplicarem-se significativamente entre o clítico e o seu hospedeiro pode indicar uma característica peculiar desses pronomes, a qual os difere de palavras prosódicas do português.

5.4 A questão dos clíticos com relação à hierarquia prosódica

Com base em pressupostos da Fonologia Prosódica, diversos autores têm discutido a (in)existência, na hierarquia prosódica, da categoria Grupo Clítico. Conforme mencionamos no capítulo 2, há uma grande dificuldade de definir os clíticos, pois, apesar de apresentarem um comportamento semelhante ao da palavra fonológica, necessitam apoiar-se sintaticamente e fonologicamente em uma palavra prosódica, que lhe serve de hospedeiro. Além disso, não são candidatos a receber acento, condição indispensável para caracterizar uma palavra prosódica.

De acordo com Nespor & Vogel (1986), os clíticos integram o constituinte Grupo Clítico, proposta esta defendida também por Bisol (1999a, 2000). Para que uma categoria exista como constituinte na hierarquia prosódica, é necessário que seja domínio de aplicação para regras fonológicas e, segundo Bisol (1999), no Português Brasileiro, o Grupo Clítico é domínio para a regra de neutralização de vogais médias altas em final de palavra. Essa regra faz como que as vogais médias altas se tornem vogais altas em posição postônica final (Vejam-se os exemplos (13) e (14), na seção 2.1.2).

Bisol (2000, p.21) refere-se a alguns argumentos para justificar a presença da categoria Grupo Clítico na hierarquia prosódica. Um deles é o fato de que *clíticos são insensíveis a regras que se esperariam neles fossem aplicados*. A autora (op. cit) cita que, em prefixos, assim como em sílabas pretônicas, ocorre a neutralização da vogal média baixa. Em (45), verificamos exemplos dessa regra reproduzida de Bisol (op. cit, p.21).

(45) / , / → [e, o] / _] ω
[-ac]

s l > soláço
b la > beléza
p sponto > pospónto

Segundo Bisol (op. cit, p.21) *clíticos, que não possuem vogais médias baixas porque inacentuados, também poderiam oferecer contexto a (45), quando derivados de itens lexicais, como o verbo 'ser' na forma 'é'. O exemplo do verbo **ser** conjugado na terceira pessoa do singular está reproduzido em (46).*

(46)

samba é vida → samb[] vida (clitização)
1 3 1 1 3 1 2 1 3

Ao testarmos a possibilidade de os clíticos serem insensíveis a determinadas regras, retomamos os dados obtidos relativamente à regra de harmonia vocálica. Conforme já foi referido na seção 5.1.1.4, pela regra de harmonia vocálica, vogais médias altas pretônicas tornam-se altas quando há uma vogal alta na sílaba subsequente. Assim, se o clítico apresentar o *status* prosódico de sílaba pretônica de seu hospedeiro, a vogal /e/ que nele aparece deverá ser passível de sofrer a regra de harmonia vocálica. No entanto, no *corpus* desta pesquisa formado por clíticos, verificamos que, quando o tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte ao clítico é constituído por uma vogal alta, há um desfavorecimento da regra de elevação, indicando que a regra de harmonia vocálica tende a ser bloqueada. O resultado referente à não elevação da vogal média alta do clítico quando a sílaba que o segue apresenta uma vogal alta, portanto, pode estar conduzindo à interpretação de Bisol (op. cit) de que aos clíticos nem sempre se aplicam regras que se acredita deveriam ser a eles aplicadas.

Vigário (2001) defende a não existência do Grupo Clítico na hierarquia prosódica. Ressalta que, de acordo com Inkelas (1990), a maioria dos casos apresentados como evidência para a existência do Grupo Clítico podem ser reinterpretados. Para a autora (op. cit), clíticos são diferentes de afixos, pois, enquanto estes se ligam no nível lexical, aqueles se juntam no pós-léxico. De acordo com Vigário (op. cit), clíticos são parte integrante da palavra fonológica.

Baseando-nos na proposta de Nespor & Vogel (1986) e nas discussões a respeito da prosódia e dos clíticos realizadas por Bisol (1999a, 2000) e Vigário (2001), propomos-nos, nesta seção, abordar a questão dos clíticos com relação à hierarquia prosódica.

Primeiramente, é importante referir que a regra de elevação da vogal átona /e/ tem aplicação praticamente categórica no *corpus* formado por vocábulos fonológicos lexicais (98%), sendo que nos clíticos essa regra é de baixa frequência (41%). Esse resultado pode estar evidenciando que o clítico se comporta como uma sílaba pretônica da palavra seguinte, visto que a regra de elevação tem reduzida aplicação na vogal átona /e/ dos clíticos pronominais investigados na presente pesquisa.

Uma outra razão para considerar o clítico como parte integrante da palavra fonológica é o fato de a regra de dissimilação – regra utilizada como estratégia de reparo à violação do OCP – aplicar-se significativamente no *corpus* formado por palavras prosódicas e de maneira reduzida em clíticos.

A regra de dissimilação, assim como a de elevação da vogal átona /e/, apresenta um alto índice de aplicação em vocábulos da língua, indicando comportamento diferenciado entre clíticos e palavras prosódicas, o que aponta para a dependência prosódica que têm os clíticos em relação à palavra seguinte.

Conforme constatamos no presente estudo, os processos de sândi denominados “degeminação” e “ditongação” favorecem a regra de elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais. De acordo com Bisol (1999a), é somente no sândi que o clítico perde a sua independência, passando a integrar uma palavra prosódica.

Os processos de sândi aqui investigados mostram-se muito pouco frequentes no *corpus* constituído por vocábulos lexicais da língua (vejam-se os dados da Tabela 17), o que sugere uma diferença de comportamento entre a

vogal átona /e/ de clíticos pronominais e a vogal átona /e/ postônica final de vocábulos da Língua Portuguesa.

Nos casos em que a sílaba seguinte ao clítico era introduzida por uma consoante ou quando formava com o clítico um hiato – *corpus* formado por clíticos – houve um baixo índice de elevação da vogal átona /e/ (25,22%), já no *corpus* constituído por vocábulos lexicais do PB, quando não havia sândi, constatamos que a regra de elevação apresentou alto índice de aplicação (98,28%).

No que diz respeito a variáveis extralingüísticas, a faixa etária do informante foi a única variável relevante no *corpus* formado por clíticos, pois, como já havíamos dito, no *corpus* formado por vocábulos lexicais do PB, apenas uma variável, e de natureza lingüística, foi selecionada como significativa pelo programa VARBRUL. O resultado do fator idade indica que jovens – entre 16 e 25 anos – tendem a aplicar significativamente a regra de elevação da vogal átona /e/, enquanto adultos – com idade acima de 25 anos – revelaram-se preservadores da manutenção da vogal média alta. Esses resultados podem nos levar à hipótese de que a gramática dos adultos, na cidade de Bagé, não apresenta o Grupo Clítico em sua hierarquia prosódica.

A única evidência forte para que se considerasse a existência do Grupo Clítico na gramática das pessoas com mais de 25 anos seria a não aplicação da regra de harmonia ao /e/ do clítico, no entanto, essa afirmação só seria plenamente consistente se fosse realizado um estudo do índice de aplicação da harmonização vocálica nessa comunidade.

Os dados referentes aos clíticos pronominais parecem indicar que a tendência – pelo comportamento da vogal /e/ dos clíticos entre os indivíduos pertencentes à faixa etária de 16 a 25 anos – é que a unidade prosódica Grupo Clítico esteja funcionando na gramática dos mais jovens e, portanto, esteja entrando nesta comunidade – o alto índice de aplicação da regra de elevação da vogal /e/ dos clíticos entre os jovens, a exemplo do que ocorre com a vogal /e/ átona em final de vocábulos lexicais da língua, aliada à não submissão da vogal do clítico à regra de harmonia vocálica que sofrem as vogais médias altas pretônicas, é capaz de fundamentar a posição aqui tomada.

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados que constituíram os *corpora* da pesquisa, à luz de Teorias Fonológicas e da Teoria da Variação,

bem como conduzimos discussão a respeito do status prosódico dos clíticos pronominais na comunidade investigada.

6. CONCLUSÃO

O presente estudo investigou o comportamento da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”, em posição proclítica, tendo como hospedeiro o verbo. Analisamos, também, vocábulos lexicais com vogal átona postônica final /e/, a fim de estabelecermos conclusões sobre a vogal dos clíticos aqui investigados, bem como a respeito da hierarquia prosódica em funcionamento na fonologia do Português Brasileiro falado na região sul do Brasil, partindo da proposta de Nespor & Vogel (1986) e de revisões de Bisol (1999a, 2000) e Vigário (1999, 2001) sobre a (in)existência da categoria “Grupo Clítico” na fonologia prosódica.

Os resultados desta investigação apontaram um comportamento predominantemente distinto da vogal /e/ de clíticos pronominais e a de vocábulos lexicais do PB na comunidade aqui estudada, particularmente nos dados de adultos, com idade acima de 25 anos. Estes resultados são sumarizados a seguir.

A regra de elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais identificada na presente pesquisa tem pouca aplicação em dados de fala dos moradores de Bagé. A manutenção da vogal média alta /e/ vem confirmar os resultados da pesquisa de Vieira (1994), particularmente em se tratando de falantes da região da fronteira do Rio Grande do Sul.

Em se considerando a vogal média alta /e/ de vocábulos fonológicos lexicais, esse mesmo resultado não pôde ser confirmado, uma vez que a aplicação da regra de elevação foi quase categórica, diferenciando-se dos resultados de Vieira (1994). O comportamento diferente da vogal átona /e/ nos dois *corpora* desta pesquisa, com a predominância da manutenção da vogal /e/ nos clíticos, pode revelar que clíticos integram a palavra seguinte, com ela constituindo uma única palavra fonológica, o que ocorre em nível pós-lexical.

Pela aplicação do Programa VARBRUL aos dados deste trabalho, os contextos favorecedores da regra em estudo – no *corpus* constituído por clíticos pronominais – foram, primeiramente, os processos de sândi denominados “degeminação” e “ditongação”, os quais, como referimos anteriormente, poderiam permitir a interpretação de que a elevação da vogal do

clítico é que favorece processos de sândi, especialmente em se tratando do tipo de juntura em que ocorre ditongação.

A variável “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro”, no *corpus* formado por clíticos pronominais, revelou que as vogais [a] e [i] favorecem a elevação da vogal /e/, sendo que a vogal do clítico, elevada para [i] ou mantida como [e], ao ligar-se à vogal da borda esquerda do hospedeiro, sendo esta um [i], cria o processo de sândi intitulado “degeminação”. Esse processo ocorreu mais significativamente quando a vogal do clítico elevou-se para [i]. Constatamos que, sendo a vogal da borda esquerda do hospedeiro um [a], esta é motivadora da formação de ditongos, o que é confirmado no trabalho de Bonilha (2000), que apresenta os ditongos formados pela vogal baixa [a] como freqüentes e como os primeiros a surgir na aquisição da linguagem.

A variável lingüística “contexto precedente” revelou que a consoante /s/ favorece a elevação da vogal átona /e/ de clíticos pronominais. Esse resultado já foi identificado por Vieira (2002) ao estudar as fricativas /s/ e /z/, em posição de *onset* de sílaba. A variável “contexto precedente” também destacou o baixo índice de elevação de /e/ quando o que o precedia era o segmento / /, chamando-nos a atenção para considerarmos a questão do OCP. Parece que a predominância da forma fonética [e], sem elevação da vogal, foi decorrente da ação de OCP.

A variável “tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte”, selecionada pelo Pacote VARBRUL – *corpus* formado por clíticos pronominais –, apresentou um desfavorecimento da elevação da vogal /e/ do clítico quando a vogal da sílaba seguinte era um [i]. Esse resultado mostrou uma tendência dos clíticos aqui investigados a evitarem a aplicação da regra de harmonia vocálica.

Nesse mesmo *corpus* de pesquisa, verificamos que as vogais médias baixas – variável “vogal da sílaba seguinte quanto à altura” – favorecem a elevação de /e/, embora apresentem um número pequeno de dados, o que nos leva a considerar que pode estar ocorrendo uma regra de dissimilação, a qual transforma segmentos semelhantes ou iguais em diferentes. Essa regra fonológica, segundo Clements & Hume (1995), é utilizada como uma estratégia de reparo diante da violação do OCP.

Ao realizarmos o cruzamento de variáveis lingüísticas, no *corpus* formado por clíticos pronominais, tínhamos por objetivo verificar se

encontraríamos outros fatores que influenciam a regra de elevação aqui investigada.

O cruzamento das variáveis “tipo de juntura” e “distância (do clítico) da sílaba tônica do hospedeiro” revelou que processos de sândi apresentam um alto índice de aplicação quando há uma seqüência de vogais átonas. O outro cruzamento de fatores refere-se às variáveis “tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro” e “tipo de juntura” e indica que as vogais [a] e [i], estando na borda esquerda do hospedeiro, apresentam 100% de aplicação da regra em estudo quando ocorre “degeminação” ou “ditongação”. A vogal [a] forma, com a vogal do clítico, o processo de ditongação, e a vogal [i], o processo de degeminação.

Ao verificarmos as variáveis extralingüísticas selecionadas pelo VARBRUL para o *corpus* formado por clíticos pronominais, constatamos que a única variável social verdadeiramente relevante neste estudo foi a “faixa etária do informante”. Essa variável indicou que indivíduos com idade entre 16 e 25 anos tendem a aplicar significativamente a regra de elevação da vogal átona /e/ de clíticos; já indivíduos com mais de 25 anos revelam-se altamente desfavorecedores da regra em estudo. Ao realizarmos o cruzamento desta variável extralingüística com as variáveis “sexo” e “escolaridade”, verificamos que a faixa etária jovem continuou sendo significativa para o emprego da elevação da vogal átona /e/.

Já a variável “sexo” que, isoladamente, se mostrou relevante, indicando que a regra de elevação era favorecida em dados de fala de mulheres, ao ser cruzada com a “faixa etária do informante” e com a “escolaridade” apresentou resultados diferentes, ora indicando o sexo feminino como favorecedor da regra em estudo, ora mostrando ambos os sexos com desfavorecedores da elevação da vogal átona /e/. Esse resultado leva-nos a crer que essa variável social deve ser estudada mais aprofundadamente e que talvez seja preciso avaliá-la sempre junto com outros fatores sociais, tais como renda, tipo de trabalho (intelectual, manual etc), escolaridade, bairro em que reside, no caso das mulheres se são donas de casa ou se trabalham fora, entre outros fatores.

O resultado referente à variável faixa etária do informante pode estar revelando uma mudança lingüística em curso, uma vez que a regra de elevação da vogal átona /e/, que não era característica dessa comunidade,

passa a ser utilizada pelos informantes mais jovens. Nesse sentido, os jovens mostram-se inovadores no uso da linguagem. Esse comportamento diferente dos jovens em oposição aos adultos pode também estar indicando que existem duas gramáticas na comunidade de Bagé – uma sem o Grupo Clítico, representando a fala dos adultos – e outra com Grupo Clítico como um constituinte da hierarquia prosódica, representando a fala dos mais jovens.

O programa VARBRUL selecionou como relevante, no *corpus* formado por vocábulos lexicais do Português Brasileiro, a variável lingüística “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”. O resultado referente a essa variável indicou que vogais altas se mostram discretamente favorecedoras da elevação de /e/. Já vogais médias baixas e baixas revelam-se altamente favorecedoras dessa regra, o que nos leva a considerar novamente a questão da dissimilação. O número significativo de vogais médias baixas e baixas como favorecedoras da elevação da vogal /e/ do vocábulo fonológico pode indicar que, nesse caso, pode estar ocorrendo realmente um processo dissimilatório.

No entanto, como mencionamos no capítulo precedente, esses dados relativos à influência da “vogal da sílaba seguinte quanto à altura”, aparentemente contraditórios, têm de ser analisados sob um único ângulo, isto é, a regra de elevação da vogal átona /e/ final de palavras lexicais, na comunidade de Bagé, é praticamente categórica; essa regra de elevação somente não é favorecida quando há uma vogal média alta no contexto subsequente. Essa interpretação, portanto, é capaz de eliminar a visão de que estejam atuando as regras de harmonia ou de dissimilação na vogal final átona /e/ de vocábulos lexicais da língua, em favor da posição de que a elevação da vogal coronal átona final é a regra geral aplicada, com índice que pode ser considerado praticamente categórico, tendo como contexto desfavorecedor uma vogal média alta na sílaba subsequente.

Lembramos que, no *corpus* formado por clíticos pronominais, também houve casos de vogais médias baixas favorecerem a elevação da vogal átona /e/ do clítico, mas havia poucos dados, o que nos impediu de confirmar a ocorrência da dissimilação. Apenas levantamos a hipótese de que esse processo poderia estar manifestando-se em clíticos.

Ressaltamos que a variável “tipo de junção” não foi selecionada no *corpus* formado por vocábulos fonológicos lexicais, porém revelou-se

importante no que se refere à diferença de comportamento dessa variável lingüística em relação a ambos os *corpora* da presente pesquisa. Os resultados dessa variável mostraram que processos de sândi têm aplicação majoritária em clíticos; já no *corpus* formado por palavras prosódicas, verificamos que houve maior aplicação da regra de elevação da vogal átona /e/ quando o vocábulo seguinte começava por uma consoante ou quando formava com a vogal do vocábulo seguinte um hiato.

Os resultados apresentados neste estudo apontam para dois argumentos a favor da existência do Grupo Clítico na hierarquia prosódica. Primeiramente, verificamos a alta incidência de elevação da vogal átona /e/ do clítico, nos dados de fala produzidos pelos jovens – com idade entre 16 e 25 anos –, acompanhando a elevada aplicação desta regra em final de vocábulos lexicais.

Outra evidência para a presença desse constituinte na hierarquia prosódica seria a não submissão da vogal /e/ dos clíticos à regra de harmonia vocálica, a qual é aplicada ao /e/ em sílabas pretônicas quando há uma vogal alta seguinte.

Os dois fatos referidos nos parágrafos acima apontam para um comportamento dos clíticos equivalente ao de vocábulos independentes da língua.

Por outro lado, encontramos, nos resultados dos *corpora* deste estudo, duas evidências para se considerar que o clítico integra, com o hospedeiro, uma única palavra prosódica, as quais são registradas nos dados de fala dos adultos – com idade acima de 25 anos. A primeira evidência seria o fato de haver um reduzido índice de elevação da vogal átona /e/ do clítico, enquanto, no *corpus* formado por vocábulos fonológicos lexicais, a referida regra ser praticamente categórica.

O outro argumento para considerar o clítico como sílaba pretônica da palavra seguinte seria o fato de processos de sândi aplicarem-se relevantemente entre o clítico e o hospedeiro, já, entre um vocábulo fonológico e a palavra seguinte, apresentarem baixa incidência.

Levando-se em consideração esses argumentos, poder-se-ia dizer que o Grupo Clítico tenderia a não existir na hierarquia prosódica que integra a gramática dos adultos e estaria sendo introduzido como categoria prosódica na

hierarquia representativa de parte da gramática dos mais jovens, na comunidade Bagé, revelando mais uma característica do Português Brasileiro falado no extremo sul do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. Parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez, 2001.

AMARAL, Luís Isaías Centeno do. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. Pelotas: UCPel, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1996.

_____. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

AMARAL, Marisa Porto da. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.99-126.

_____. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Porto Alegre: PUC, 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

_____. A harmonização vocálica na fala culta (*Dados do projeto NURC*). *D.E.L.T.A.*, v.4, n.1, p. 1-20, 1988.

_____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p. 83-101, 1992.

_____. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v.31, n.2, p. 159-168, 1996a.

_____. Sândi externo: o processo e a variação. In: Kato, Mary. A. (org.) *Gramática do português falado: convergências*. Volume V. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996b.

_____. Os constituintes prosódicos. In: _____ (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999a. p. 229-241.

_____. A sílaba e seus constituintes. In.: NEVES, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do português falado*. V. VII. Campinas: Unicamp, 1999b.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, p. 5-30, 2000.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 231-250.

BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Pelotas: UCPel, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 2000.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. da S.; ALVES, P. M. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.20, p. 75-90, 1991.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.13-75.

_____. Respostas VARBRUL. Mensagem Pessoal. Mensagem recebida por <bluciene@hotmail.com> em 30 Jun. 2003.

BRISOLARA, Luciene Bassols; VANDRESEN, Paulino. A concordância variável do pronome “tu” em Pelotas e Rio Grande – RS. IV Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul – IV CELSUL. Curitiba. *Anais*. Curitiba: UFPR, 2000.

BRISOLARA, Luciene Bassols; MATZENAUER, Carmen Lúcia; VANDRESEN, Paulino. *A palatalização das plosivas coronais como inserção de traços*. V Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul – V CELSUL. Curitiba: UFPR, 2002. (No prelo)

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 5, n. 18, 1991.

CÂMARA JR, Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 18ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARNIATO, Míriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Pelotas: UCPel, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 2000.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, Gisela. A Sílabas em Português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-123.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico Acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989. p. 19-34.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. *O português dos campos neutrais – um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUC, 2001. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Estudos Descritivos. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 273-319.

GUSSENHOVEN, Carlos & JACOBS, Haike. *Understand Phonology*. NY: Oxford, 1998.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1982.

_____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAMPRECHT, Regina R. *Perfil de aquisição normal de fonologia do português – Descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. Porto Alegre: PUC, 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

LEIRIA, Lúcia Lovato. *Em busca da palavra prosódica*. Porto Alegre: PUC, 2000. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

LOBO, Tânia. O problema da colocação dos clíticos: variação estável ou mudança em curso? In: CARDOSO, S. A. M. (orgs.) *Diversidade lingüística*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 215-224.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome Tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. *Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Porto Alegre: PUC, 1990. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

_____. Um caso de efeito de OCP no português. In: Anais do 1º Encontro do CELSUL. Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 1997. p. 687-697.

MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. (Cadernos Didáticos UFRJ).

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes Pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: EUFC, 1994.

_____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 17-25 (Cadernos Didáticos UFRJ).

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

ODDEN, David. On the role of the Obligatory Contour Principle in Phonological Theory. *Language*, vol. 62, n.2, p.353-383, 1986.

OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline de. Coleta de Dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 101-114 (Cadernos Didáticos UFRJ).

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 69-73 (Cadernos Didáticos UFRJ).

PEPERKAMP, Sharon Andrea. *Prosodic Word*. Ph.D. Dissertation. University of Amsterdam, 1997.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988. mimeo.

SASSI, María Pía Mendoza. *A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar*. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1997.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Introdução ao Pacote Varbrul para Microcomputadores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

SCHWINDT, L. C. S. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUC, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SELKIRK, E. Prosodic domains in phonology: sanskrit revised. In: ARONOFF, M. & KEAN, M. L. (orgs.) *Juncture*. Saratoga, Calif.: Anma Libri, 1980, p. 107-129.

_____. The syllable. In: HULST, H. & SMITH, N. *The structure of Phonological Representations*. Foreis Publications, 1982, p.337-383.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yaerbook* 3, p. 371-405, 1986.

TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

_____. *Aspectos do sistema vocálico do português*. Porto Alegre: PUC, 1997. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.

VIGÁRIO, Marina Cláudia. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: HALL, T. Alan; KLEINHENZ, Ursula. *Studies on the phonological word*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999. p. 255-294.

_____. *The prosodic Word in European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Tese (Doutorado), Universidade de Lisboa, 2001.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.75-79 (Cadernos Didáticos UFRJ).